

# **GD 07**

## **Juventude e ensino de Ciências Sociais**

***Coordenadoras:***  
*Geovania Toscano e  
Juliana Batista dos Reis*

## Teatro e Ciências Sociais: Alianças Contra a “Invisibilidade” de Jovens

Amanda Romero Faulhaber<sup>1</sup>  
Elizabeth de Paula Pissolato<sup>2</sup>

O teatro é uma ferramenta importante de transformação social no contexto da juventude de modo geral e particularmente dentro da escola, pois nos permite uma participação etária mais ampla de jovens, incluindo adolescentes e outros, abarcando a diversidade étnico-cultural e as diferentes classes sociais. Em resumo o fazer teatral é uma arte que possibilita construir conhecimento de variadas formas: por meio do corpo, da voz, do estado emocional, do texto ou até mesmo do silêncio.

A vivência do Teatro na sala de aula, relacionada à transmissão didática de ideias políticas, sociológicas, literárias, extrapola os limites que a sala de aula tradicional define. Ao agregar o Teatro às aulas de Sociologia, oferecemos aos alunos um recurso potente para a conquista de empoderamento rente aos dramas sociais vivenciados por eles no cotidiano. Através do teatro transformamos o conhecimento em “ato” e, assim, a construção desse conhecimento é vivenciada no corpo e nos sentidos, para além da razão.

Conforme Victor Turner (1974, 2008) o drama social é uma forma de compreensão sobre conflitos, tensões, crises e mudanças que geralmente acabam expressos em processos simbólicos e rituais, tal como um drama teatral. As fases do drama social definido por Turner, a saber: ruptura (transgressão), crise (liminaridade e communitas), ação reparadora (reconfiguração) e reintegração (reparação ou nova estrutura) podem ser comparadas com o processo de estruturação de uma peça de teatro, como uma narrativa dramática que interrompe a ordem social gerando ruptura e desencadeando eventos (cenas) que levam à reconciliação ou mudança estrutural.

Ao considerar que no contexto da juventude existem rupturas com normas sociais de identidade, gênero, política etc, os problemas sociais vivenciados nas experiências dos estudantes expostos como uma narrativa teatral conforme o conceito de drama social, podem, nesse sentido, ser uma ferramenta de transformação social,

<sup>1</sup> Professora da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Pós-graduada do Mestrado Profissional em Sociologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

<sup>2</sup> Professora no Departamento de Ciências Sociais, no Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional e Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF.

de reconfiguração do “palco” da vida cotidiana dentro da trama maior da vida, fazendo emergir conflitos familiares, movimentos sociais, a busca dos jovens por visibilidade e reconhecimento nesta “performatividade” e “representação” dos conflitos e resoluções.

A atuação teatral relaciona o corpo em seu potencial visual, sonoro e físico, com luzes, figurinos, música e movimento. Aprofunda com sensibilidade, emoções, expressões, imaginação e reflexão crítica das experiências sensíveis vividas pelos jovens. Assim sendo, trabalhar com o teatro na juventude e relacioná-lo a questões sociais, aproxima e familiariza o jovem com situações corriqueiras do seu cotidiano, através de temáticas que podem ser desenvolvidas, encenadas e reelaboradas por eles.

O drama social da juventude permeia o caminho da formação de sua identidade e o corpo simultaneamente arena e instrumento para os jovens se expressarem e buscarem visibilidade. Através do corpo é possível se afirmar, transgredir as normas sociais, se comunicar com o mundo e se conectar com experiências diversas com as quais se estabelece afinidade. Portanto, a partir do corpo é possível tornar-se um sujeito capaz de agir e modificar a sociedade em que se vive.

O capitalismo e os seus processos geram problemas sociais graves, situações de opressão e desigualdade na vida dos sujeitos que o teatro, neste ponto pensado sob a ótica do Teatro do Oprimido (Boal, 1977) contribui para uma linha de fuga (Deleuze e Guattari, 1995) das situações problemáticas da vida ordinária. Nesse sentido, a arte cênica é um ato de resistência diante das opressões sofridas pela juventude e através do teatro é possível ressignificar traumas, humilhações experimentados, medos e frustrações.

As Ciências Sociais e o Teatro são duas competências que podem fazer convergir pensamentos e emoções, não só na direção de transformar emoções, mas também de aprender a pensar nos termos de um “embodiment” de que nos fala Michele Rosaldo (1984). Ou seja, um pensar que se constitui com a apreensão da pessoa de que “ela está envolvida”. (Rosaldo, 1984, p. 143)

Juntos, portanto, estes campos oferecem um espaço de reflexão, expressão e de ação com potência de transformação crítica da realidade, através dos atores envolvidos, da dimensão simbólica, das emoções, da contestação e resistência.

Apostando no que foi dito acima, o que pretendemos trazer para o debate neste Grupo de Discussão são algumas experiências com teatro e estudantes do Ensino Médio, bem como com jovens participantes de um projeto social, envolvendo duas cidades na Zona da Mata de Minas Gerais.

A partir de relatos de oficinas de teatro realizadas por uma das autoras da presente proposta, Amanda Faulhaber, professora na Escola Estadual Padre Joãozinho (Ubá) e no Projeto da Oficina das Artes em parceria com a Prefeitura da cidade de Tocantins, pretendemos refletir especialmente sobre a potencialidade do teatro ou dos jogos teatrais como instrumentos de resistências juvenis à “invisibilidade” e à “humilhação” sociais.

Partiremos da descrição das propostas das oficinas e do engajamento e participação de alguns estudantes, buscando explorar suas atuações e expressões nos exercícios de teatro propostos, bem como suas impressões e manifestações verbalizadas espontaneamente, caso tenham sido observadas. Em seguida, interessa-nos construir um diálogo entre essas experiências e a abordagem cênica tratada pelo antropólogo Luiz Eduardo Soares (2004) ao articular “invisibilidade” e criminalidade na experiência de jovens no meio urbano no Brasil. Ainda, tomando a abordagem de temas como “nojo e humilhação” em contextos urbanos, de uma perspectiva da antropologia das emoções (Rui, 2021).

**Palavras-chave:** teatro, corpo, juventude, drama social.

## Referências

- BOAL, A. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs*. São Paulo: Editora 34, 1995.
- ROSALDO, M. Toward an Anthropology of Self and Feeling. In: SEWEDER, R.; LEVINE, R. (Org.). *Culture theory: essays on mind, self and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 137-157. Tradução disponível em:  
[https://www.cchla.ufpb.br/rbse/RosaldoArt\\_RBSEv18n54dez2019.pdf](https://www.cchla.ufpb.br/rbse/RosaldoArt_RBSEv18n54dez2019.pdf). Acesso em: 21 jul. 2025.
- RUI, T. Nojo, humilhação e vergonha no cotidiano de usuários de crack em situação de rua. *Anuário Antropológico*, v. 46, n. 3, 2021.
- SOARES, L. E. Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Instituto Cidadania, 2004.
- TURNER, V. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, [1969] 1974.
- TURNER, V. *Drama, campos e metáforas*. Niterói: EdUFF, [1974] 2008.

## Do campo para a sala, da sala para o campo: Propostas de abordagem para o ensino de ciências sociais através da união entre esporte e cotidiano

*Emanuel de Abreu Soares<sup>3</sup>  
Maysa Lannah da Silva<sup>4</sup>*

O esporte, frequentemente reduzido ao espetáculo ao seu redor ou simples prática física, assume um papel muito mais amplo quando analisado pelas lentes das ciências sociais. Ele se transforma em um palco onde as estruturas de poder da sociedade se manifestam e se perpetuam, refletindo as dinâmicas sociais que moldam nossas vidas. Marcadores sociais como gênero, raça, classe social e orientação sexual, elementos intrínsecos à nossa identidade, exercem uma influência poderosa na maneira como o esporte é vivenciado, compreendido e regulamentado, tanto dentro como fora do ambiente escolar.

As escolas, como microcosmos da sociedade, não estão imunes a essas dinâmicas. Cabe então às ciências sociais se debruçarem na tarefa de expor e reinterpretar a multiplicidade de óticas possíveis ao tomar, muito mais que o futebol, mas o esporte como “instituição zero” (Guedes, 2023), revelando os modos nos quais ele pode perpetuar ou desafiar as desigualdades existentes na sociedade. Ao analisar o esporte em sua complexidade, podemos compreender melhor como esses marcadores moldam as experiências e oportunidades dentro e fora das quadras, campos, piscinas e salas de aula.

Isso posto, a proposta de integrar o esporte como ferramenta pedagógica no ensino das ciências sociais surge como uma oportunidade ímpar de conectar os estudantes com conceitos abstratos de forma tangível e próxima à sua realidade. Através dessa abordagem, o esporte transcende a sua função recreativa e se transforma em um poderoso instrumento para a construção de uma cidadania crítica e consciente.

---

<sup>3</sup> Graduando em Ciências Sociais/Licenciatura pela Universidade de Brasília (UnB)

<sup>4</sup> Graduanda em Ciências Sociais/Licenciatura pela Universidade de Brasília (UnB)

Imagine, por exemplo, uma atividade em sala de aula onde os alunos, a partir de notícias sobre eventos esportivos, analisam casos de racismo ou sexismo sofridos por atletas. Essa análise, guiada por teorias sociais previamente estudadas, como a interseccionalidade a partir de bell hooks e masculinidade hegemônica de Raewyn Connell, permite que os estudantes identifiquem na prática como os marcadores sociais influenciam a vida real, extrapolando os limites dos livros didáticos interdisciplinares utilizados no novo ensino médio.

Por isso, propomos nesse trabalho duas principais propostas no intento de aumentar o campo de ação das ciências sociais inserido à educação básica e seu currículo, sendo essas:

A primeira focada em realizar um levantamento bibliográfico prévio para o uso de professores de sociologia, a fim de buscar possíveis utilizações de exemplos no âmbito esportivo e sua ligação com teóricos das ciências sociais, que possam, por meio dessa interconexão, trazer a discussão sobre marcadores sociais de diferença de maneira mais acessível e contextualizada aos alunos de educação básica.

A segunda, de maneira prática, buscará expor a elaboração de uma atividade na área da pedagogia de projetos na qual os alunos da educação básica possam analisar ocorridos específicos na prática e eventos esportivos previamente expostos, pela ótica do esporte como um movimento político, possibilitando maior autonomia crítica dos alunos para exercer a identificação das dinâmicas sociais e relações de poder, ali presentes.

É crucial reconhecer os desafios inerentes a essa proposta, como a possível resistência à inclusão de temas sociais complexos no currículo escolar e a necessidade de investimentos na formação docente para que os professores se sintam seguros e preparados para abordar tais questões em sala de aula.

Apesar dos possíveis entraves, observamos a necessidade de maior interação entre os conteúdos relacionados à sociologia no novo ensino médio e o cotidiano/vivências experienciadas pelos estudantes. Por isso, com os exercícios propostos, miramos propiciar possibilidades de execução para abordagens plurais – neste caso entre as ciências sociais e o esporte -- nas quais possamos resgatar

maneiras de incentivar o olhar sociológico promovido pela disciplina de sociologia como instrumento de interpretação crítica unida à realidade dos alunos (Sarandy, 2010).

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia, Esporte, Interseccionalidade, Marcadores Sociais, Juventude.

## Referências

GUEDES, S. L. *O futebol brasileiro: instituição zero*. São Paulo: Editora Ludopédio, 2023.

SARANDY, F. M. S. Reflexões acerca do sentido da Sociologia no Ensino Médio. *Espaço Acadêmico*, [s. l.], 2001-2003. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/>. Acesso em: 6 set. 2024.

HOOKS, bell. *Ensainando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241–282, jan. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>. Acesso em: 6 set. 2024.

## O encontro do ensino de sociologia com as identidades juvenis: autoetnografia e ficção

Gabriel Nascimento e Silva<sup>5</sup>  
Graziele Ramos Schweig<sup>6</sup>

“– Agora você vai numa escola particular e vê se eles têm projeto de vida, vê se eles têm projeto de vida igual a gente. Lá eles estão estudando as matérias que a gente deveria estar estudando também, para preparar para o futuro. Esse Novo Ensino Médio só serviu para piorar as coisas.

E por que vocês acham que isso acontece? Essa diferença das escolas particulares e públicas? Essa diferença das matérias e do Novo Ensino Médio entre as escolas?

É o sistema né?! – Esse comentário de Gabriela encerrou a aula.”

O relato acima faz parte de uma crônica produzida a partir dos diários de campo de uma pesquisa em desenvolvimento. Partindo da premissa de que o texto etnográfico é uma ficção, no sentido de ser um artefato fabricado, e não como algo falso (Fonseca, 2008), a criação de crônicas demonstra ser instrumento linguístico potente na reflexão sobre diferentes fenômenos e dinâmicas sociais. Tem-se mostrado especialmente rico na análise das práticas do ensino de sociologia e sua relação com as identidades de jovens estudantes.

A proposta deste trabalho é discutir o desenvolvimento da pesquisa de pósgraduação no Programa de Mestrado Profissional da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Minas Gerais cujo objetivo central é identificar uma pedagogia para o ensino de sociologia que dialogue com as identidades juvenis. Com esse pressuposto, também se busca explorar os usos da ficção como ferramenta de análise e produção de sentido, e compreender as aproximações possíveis entre o ensino de sociologia nos processos de constituição identitária de jovens estudantes.

<sup>5</sup> Professor vinculado à Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, estudante pelo Programa de Mestrado Profissional da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Minas Gerais. Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>6</sup> Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Antropologia Social.

Para isso, a pesquisa emprega uma metodologia qualitativa cujo procedimento metodológico é a autoetnografia. Como propósito de todo fazer etnográfico, a autoetnografia prevê a adoção de uma postura curiosa diante do mundo que consiste no exercício de estranhamento do que nos é naturalizado com o tempo - em que se faz necessário estranhar o que nos é familiar e reconhecer o familiar naquilo que nos é estranho e distante (Velho, 1978). A tarefa antropológica do estranhamento é fundamental no processo autoetnográfico, já que a experiência pessoal do pesquisador é intensamente afetada na relação com o campo e seus sujeitos. Aqui entra a dimensão autobiográfica da autoetnografia, na qual a produção do conhecimento ocorre assumindo abertamente a subjetividade do pesquisador pela narração de suas próprias experiências, percepções e afetações. Como afirma a antropóloga Fabiene Gama (2020), a produção autoetnográfica não segue um modelo padronizado e cronológico de escrita, mas obedece a um fluxo de consciência e memória do pesquisador que se caracteriza pela fluidez do pensamento, reflexividade dos processos experimentados, e pela liberdade em expressar sensações e percepções sobre as próprias experiências.

Assim, como resultados preliminares da autoetnografia, apresentaremos a produção de crônicas sociológicas do ensino de sociologia. Estas crônicas nascem como artifício linguístico da reelaboração do diário de campo, recontando situações cotidianas do ensino de sociologia cujo intuito é justamente estranhar o familiar. Nas fronteiras da escrita acadêmica e da ficção literária (Fonseca, 2008), as crônicas sociológicas buscam promover a imaginação científica.

O campo de pesquisa sobre o qual se debruça o trabalho é o ensino de sociologia, não apenas a sala de aula ou os ambientes da escola em si, mas os vários cenários que permeiam as práticas educativas. O ensino de sociologia enquanto campo se manifesta principalmente na sala de aula e parte da institucionalidade escolar, mas vaza (Schweig, 2015) para outros ambientes se multiplicando num conjunto de práticas sociais experimentadas nos diversos cantos da escola, nas redes sociais e nas conversas informais e cotidianas. Assim, o ensino de sociologia se realiza na pesquisa através da experiência docente do seu pesquisador em duas escolas mineiras distintas, em cidades diferentes e com características particulares,

entre o período de 2023 a 2024. Uma escola situada no sul do estado de Minas Gerais, num município com aproximadamente 45 mil habitantes, contando com dezesseis turmas de Ensino Médio e aproximadamente 500 estudantes; e outra escola localizada na região centro-sul da capital mineira, com uma quantidade similar de estudantes, que atende um público periférico dos bairros adjacentes.

Nessas escolas, observou-se a expressão das identidades juvenis e o diálogo que se estabelece com o ensino de sociologia, portanto se torna necessária uma compreensão teórica a respeito destes fenômenos. Abordado por diferentes correntes teóricas, o fenômeno das identidades pode ser lido como elaborações essencialmente sociais, produzidas na relação com o outro por meio do contato com a diferença, operando discursivamente elementos materiais e simbólicos disponibilizados pelo ambiente cultural em que nos situamos (Hall, 2014). Sem características biológicas ou essencialmente culturais que as defina, as identidades são construções relacionais na intersecção do indivíduo com o mundo, são constituídas simultaneamente no encontro entre diferentes sujeitos. Enquanto artigo coletivo, as identidades devem ser observadas na sua dimensão política, nos processos de construção da identidade e da diferença (Silva, 2014) em que os indivíduos não dispõem dos mesmos recursos culturais e ocupam posições desiguais da estrutura social.

Assim a pesquisa entende o jovem como sujeito social (Dayrell, 2003), como indivíduo que age sobre a realidade, e não objeto da cultura agido pelas estruturas sociais. Jovens produzem sentidos ao mundo e às próprias experiências a partir das relações que estabelecem com o meio social em que se situam, dos diferentes lugares que ocupam na estrutura social, suas características pessoais, estilos e os muitos vínculos constituídos com outros sujeitos em diferentes espaços de sociabilidade. Produzem e performam um estilo de vida que manifesta seu entendimento do mundo e de si mesmos.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia, juventudes, autoetnografia, ficção.

## Referências

- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, p. 40–52, dez. 2003.
- FONSECA, C. O anonimato e o texto antropológico: dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. *Teoria e Cultura*, v. 2, n. 1-2, 2008.

# VI Congresso Nacional da Abecs

05 a 08 novembro de 2024 | UFMG

253

GAMA, F. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 2, 2020.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

SCHWEIG, G. R. *Aprendizagem e ciência no ensino de Sociologia na escola: um olhar desde a Antropologia*. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. O. (Org.). *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

## Ciências Sociais e Educação Crítica: A Transformação Social em Capitães de Areia à Luz de Paulo Freire

Gabriela Haide Ribeiro Wivaldo<sup>7</sup>

A educação é essencial para a transformação social, especialmente na visão de Paulo Freire, que defende um ensino crítico e emancipador (Freire, 1987). Na obra *Capitães da Areia* de Jorge Amado (2008), essa perspectiva é aplicada à vida de meninos de rua em Salvador, marginalizados pela sociedade. A falta de acesso à educação formal evidencia a necessidade de um ensino que capacite os indivíduos a questionar e transformar sua realidade, tornando-se sujeitos ativos no processo de mudança.

O ensino de Ciências Sociais é vital nesse contexto, pois desenvolve uma compreensão crítica da sociedade e incentiva a emancipação dos indivíduos. Através do estudo de conceitos como estratificação social, poder e ideologia, os educandos podem identificar as estruturas que perpetuam a opressão e atuar sobre elas. A educação, portanto, não é neutra; ela é uma ferramenta de libertação ou dominação, dependendo de como é conduzida (Freire, 1987).

A relevância desta pesquisa, realizada durante o terceiro período do curso de Ciências Sociais, por conta própria, reside em demonstrar como os princípios educacionais de Paulo Freire podem ser aplicados à vida dos personagens de *Capitães da Areia* (Amado, 2008). Freire propõe uma educação libertadora, que estimula a consciência crítica e a autonomia, em oposição à educação bancária, que reduz o aluno a um receptor passivo de informações (Freire, 1987). A educação libertadora, ao contrário, envolve um processo dialógico, onde o educando é chamado a refletir sobre sua própria realidade e agir para transformá-la.

No contexto dos personagens de *Capitães da Areia*, essa proposta educacional sublinha a urgência de um ensino que vá além da instrução básica. A trajetória dos meninos de rua, como Pedro Bala, pode ser vista como resultado da exclusão social.

Sem acesso a uma educação crítica, esses personagens permanecem marginalizados, incapazes de identificar as causas de sua opressão. Por outro lado,

<sup>7</sup> Vínculo Institucional (Universidade Federal de Alfenas - Unifal-mg ) Graduando em Ciências Sociais Licenciatura.

com o acesso a um ensino libertador, eles poderiam não apenas compreender as dinâmicas de poder que os oprimem, mas também se organizar para superá-las.

A escolha de Capitães da Areia como estudo de caso literário demonstra como narrativas ficcionais podem refletir problemas sociais concretos, como a exclusão educacional. Através de uma leitura crítica, seguindo a abordagem freiriana, a obra de Amado se torna um campo fértil para a discussão das consequências da marginalização e das possibilidades de transformação por meio da educação. A análise literária dos personagens pode revelar como a ausência de uma educação crítica perpetua a desigualdade e a opressão, enquanto o ensino de Ciências Sociais assim como os princípios de Freire, oferece uma saída emancipadora.

A personagem de Dora, por exemplo, poderia ter se beneficiado de uma educação que a capacitasse a entender sua posição dentro de um sistema patriarcal opressor. O ensino de Sociologia, com seu foco na compreensão das estruturas de poder, poderia permitir a ela e aos demais meninos uma leitura crítica de sua condição de marginalizados, promovendo uma conscientização que vai além do instinto de sobrevivência e se transforma em uma busca por justiça social.

Dessa forma, é inegável que a Sociologia desempenha um papel crucial ao promover uma consciência crítica que permite aos indivíduos enxergar além das aparências das desigualdades sociais e questionar as bases dessas injustiças. Conceitos como estratificação social, poder e ideologia são fundamentais para entender como as estruturas sociais são mantidas e como podem ser transformadas. Para os personagens de Amado, o acesso a esse tipo de conhecimento seria uma chave para romper o ciclo de exclusão que os aprisiona, fornecendo-lhes as ferramentas necessárias para identificar as causas de sua marginalização e articular formas de resistência e mudança.

A pesquisa também destaca a necessidade de formar cidadãos críticos, conscientes de seus direitos e deveres. Para Freire, a educação não deve ser um processo de transmissão mecânica de conhecimento, mas um meio de despertar no educando uma leitura crítica da realidade, permitindo-lhe agir de forma consciente e engajada na sociedade (Freire, 2000). No caso dos personagens de Capitães da

Areia, essa educação crítica poderia ter sido a força motriz para sua transformação em agentes de mudança social.

Por fim, esta pesquisa contribui para o debate sobre políticas educacionais ao enfatizar a urgência de iniciativas voltadas para populações vulneráveis. A inclusão de uma educação transformadora no currículo escolar, especialmente em áreas periféricas, é crucial para romper ciclos de pobreza e exclusão social. Políticas educacionais que promovam uma educação crítica, alinhada ao ensino de Ciências Sociais, podem ser poderosos instrumentos de transformação social, promovendo equidade e justiça. O caso dos meninos de rua de Salvador ilustra de forma vívida como uma educação que vá além da mera instrução pode alterar os rumos da vida de indivíduos marginalizados.

Em suma, o ensino de Sociologia e a educação crítica, aplicados ao contexto de Capitães da Areia, revelam-se essenciais para o empoderamento dos personagens e para a construção de uma sociedade mais justa. Um ensino libertador de Ciências Sociais, fundamentado nos princípios de Paulo Freire, é urgentemente necessário para que os "Capitães da Areia" possam questionar e desafiar as estruturas de opressão que os marginalizam, transformando-se em agentes de mudança social.

**Palavras-chave:** Sociologia, Paulo Freire, Educação crítica, Transformação social, educação.

## Referências

- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.
- AMADO, J. Capitães da Areia. 45. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## Condição dos(as) jovens/estudantes no contexto da Covid19: a monitoria em Introdução à Sociologia na UFPB

Geovânia da Silva Toscano<sup>8</sup>

### Introdução

Em 2021.1 no contexto da covid-19 elaborou-se um projeto de monitoria para o acompanhamento do componente curricular Introdução à Sociologia na UFPB na cidade de João Pessoa/PB, objetivando colaborar nas aulas ministradas e dificuldades vivenciadas pelo grupo de jovens/estudantes matriculados.

Fazia um ano que a comunidade universitária convivia com o ensino remoto, muitas vezes como se estivesse no modelo presencial, em tempo e espaço diversificados que desafiavam professores a repensar o cabedal metodológico e trazer outras experiências.

Objetiva-se nesta comunicação relatar a experiência desenvolvida no projeto de monitoria em Introdução à Sociologia na UFPB envolvendo jovens/estudantes de diferentes cursos no tocante aos aspectos individuais e familiares, condições vivenciadas no contexto do ensino remoto, procurando identificar a sua condição de ser jovem em contexto pandêmico.

Especificamente, naquela ocasião, foram matriculados no componente curricular estudantes de 7 cursos: Biblioteconomia, Ciências Contábeis, Filosofia, Fisioterapia, Gastronomia, Terapia Ocupacional e Tradução. Pensando nessa diversidade e na tentativa de contextualizar o programa das aulas, levantou-se as seguintes questões no projeto de monitoria: qual a origem social dos (as) estudantes? Qual a condição deles (as) com relação ao ensino remoto diante da pandemia da covid19? Quais os seus interesses e dificuldades no acompanhamento da disciplina? Partindo de tais questionamentos, criou-se diferentes estratégias: para entender as condições sociais e de saúde de cada jovem/estudante matriculado.

### Metodologia

Visando alcançar tais objetivos, criou-se logo no início do semestre, juntamente com os três bolsistas da monitoria – sendo um titular e dois voluntários - um formulário

<sup>8</sup> Professora do Departamento de Ciências Sociais/UFPB/João Pessoa/PB

consultivo na ferramenta virtual “Google Forms”, com as seguintes variáveis: perfil por idade, origem escolar, escolaridade do pais, convívio familiar do discente, a relação discente-universidade no ensino remoto, aspecto relacionada contexto da covid19 e a relação do estudante com à sociologia.

A coleta dos dados foi realizada pela rede social whatsapp- criada para a comunicação permanente entre discentes, monitores e docente - entre os dias 29 de setembro e 06 de outubro de 2021, onde estavam os 48 discentes matriculados, obtendo-se um total de 36 respostas. Eleger-se parte dos dados para discutir e refletir aqui nesta comunicação e relacioná-los a alguns autores indicados e estudados na disciplina, na qual dentre outros temas foram abordados: origem e percussores da sociologia, socialização, cultura, diversidade cultural, estratificação social, mudança social e identidade, corpo, saúde e sociedade e riscos, alimentação e saúde mental.

## Resultados e discussões

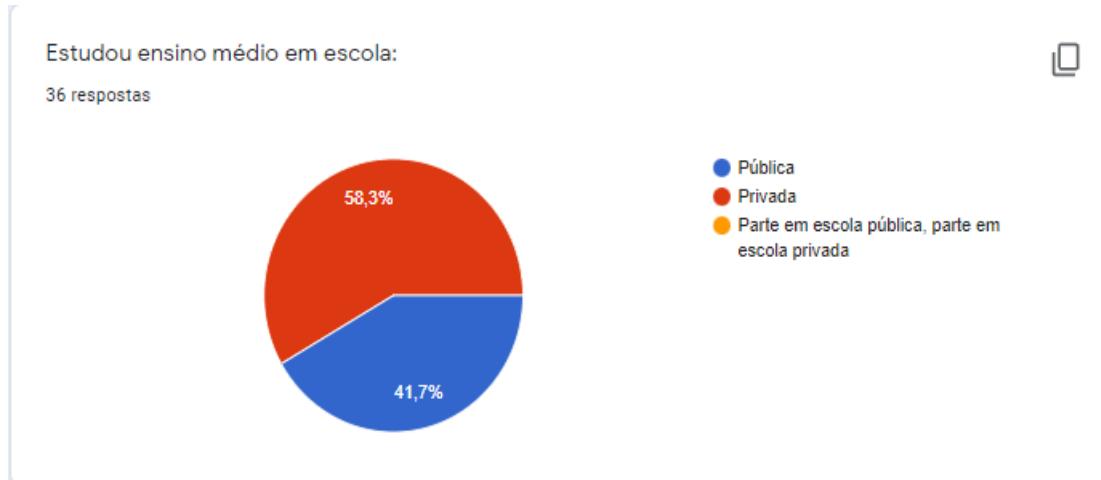
Através do formulário foi possível realizar a análise descritiva dos jovens/estudantes da disciplina Introdução a Sociologia, período 2021.1, procurando identificar inicialmente em qual região moravam, zona rural ou urbana em diversas cidades do país em que tais estudantes estavam assistindo as aulas remotas: RJ, AM, PB, Ba, PE, RJ. Com esta pergunta pode-se criar um perfil sobre como foi a possível trajetória e chegada à universidade, com base em questões como condições de estudos distintas, visto que o Brasil é um país extremamente desigual, o que pode ser relacionado com Giddens (2012), quando este aborda a discussão sobre estratificação social, que impacta nas trajetórias de vida dos jovens (LAHIRE, 1997).

A variável da escolarização foi associada às reflexões de Durkheim (1978), quando este aborda o conceito de educação como um fato social, e reafirma o seu caráter social ao ser passada de geração a geração e o seu valor na reprodução da sociedade em cada tempo histórico, como aponta de igual modo Bourdieu (2002).

A origem escolar dos jovens matriculados na disciplina Introdução à Sociologia é uma categoria significativa para compreender as possibilidades de ingresso de estudantes advindos de diferentes escolas do ensino médio. Na figura 1, constata-se que 58,3% estudaram todo o ensino médio em escola privada, os demais, 41,7% são oriundos de escolas públicas. No tocante à escolaridade dos pais, (figura 2), corresponde

a: 41,7% com ensino superior completo, 36,1% com médio completo, 16,7% possui o fundamental incompleto e 5,6% fundamental completo. O diagnóstico nos revelou sobre acesso à internet nesta turma: 88,9% dos alunos obtêm internet banda larga, o que supostamente, esses teriam melhores condições de assistir aulas síncronas.

**Figura 01:** Origem escolar dos jovens/UFPB



**Figura 02:** escolaridade dos pais dos jovens/UFPB



Além das perguntas que tratam do perfil dos alunos e sua relação familiar, foram realizadas questões com a intenção de entender como os indivíduos se encontram no contexto social, cultural e político na relação jovem/discente/universidade, seja internamente na UFPB virtual ou no tocante à aspectos externos: compreender a sua condição juvenil como discente.

A proposta foi compreender como o fator psicológico de cada jovem/discente foi afetado em virtude da covid-19 e, por consequência, como se situavam em meio

ao ensino remoto. A questão abordou as dificuldades dos jovens universitários em seus estudos no período à distância, obteve-se, dentre outras, as seguintes respostas: “ausência de ambiente adequado e silencioso”. (Terapia Ocupacional); “A dificuldade de concentração por falta de um ambiente próprio para o estudo” (Fisioterapia); “Prestar atenção nas aulas”(Terapia Ocupacional).

Quando os discentes foram questionados, se estavam passando por um momento delicado ou vulnerável, como se sentiam em relação ao período letivo e, se perderam algum parente, amigo ou conhecido durante a pandemia da covid19, identificou-se: “Estou com Covid” (Terapia Ocupacional); “Acredito que todos nós estamos passando, tanto pelo Covid com mortes de parentes e amigos como pela crise que está afetando todo mundo. Na minha casa as coisas são difíceis por esses motivos” (Terapia ocupacional). Além do mais, foi observado nos dados que 63,9% dos 36 jovens perderam algum parente ou conhecido neste período pandêmico global. O conjunto das questões do questionário aplicado, nos permitiu ampliar a compreensão das condições psíquico-social-econômico e biológico dos estudantes, para atender a dimensão complexa da saúde, como propõe Terride (1998).

A partir do diagnóstico levantando, e em conversas com os bolsistas, no mês de setembro trabalhamos o tema saúde mental e uma psicóloga foi convidada para traçar o estágio emocional dos jovens e emitir algumas orientações para os cuidados no contexto da pandemia da covid19.

A condição juvenil na perspectiva do Dayrell (2007), nos permitiu compreender como aqueles discentes vivenciaram à sua maneira e de acordo com as circunstâncias permitidas, as dificuldades e desafios no contexto epidemiológico, cultural, econômico, social e político da pandemia.

## Considerações finais

O intuito desse diagnóstico da turma de Introdução à Sociologia 2021.1 na UFPB, foi obter compreensões acerca das individualidades dos jovens/estudantes, bem como saber quais as dificuldades no âmbito acadêmico, social, saúde e familiar no contexto da covid-19.

As sugestões de como prosseguir com a forma de trabalho na plataforma remota, foram de extrema importância para alcançar o nosso objetivo, que foi o de

proporcionar alternativas metodológicas mais dinâmicas e interativas - vídeos, podcast, palestras, atividades em grupo, padlet - visando facilitar a fixação dos conteúdos e também contribuir na formação pessoal deles (as) e dos monitores.

Os resultados obtidos ajudaram a docente e os monitores a aproximar-se da realidade social e cultural da turma, sobre as suas dificuldades no ensino remoto e sobre a perda de algum familiar ou conhecido na pandemia.

Considerou-se que o conjunto de respostas da turma foi de extrema importância para planejar o desenrolar da disciplina e para a obtenção de resultados diversos com relação a aprendizagem do campo da sociologia em cursos de graduação da UFPB.

## Referências

- BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. 4. ed. Organização de Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 14 maio 2015.
- DURKHEIM, É. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Artmed, 2005.
- LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as regras do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.
- TARRIDE, M. I. *Saúde pública: uma complexidade anunciada*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

## Protagonismo Juvenil na Prática: Relato de Experiência da Criação de um Grêmio Estudantil

Jammerson Gomes Soares<sup>9</sup>  
Geovânia da Silva Toscano<sup>10</sup>  
Maria de Assunção Lima de Paulo<sup>11</sup>

Com a implementação do Novo Ensino Médio no Brasil a partir do ano de 2022, cada estado da Federação teve a flexibilidade de acrescentar ao seu currículo local disciplinas que deveriam ser lecionadas aos estudantes, estas são chamadas aqui na Paraíba de “parte diversificada”.

Um dos componentes curriculares que começou a ser introduzido nas turmas das primeiras séries do Ensino Médio, no ano de 2022, é chamada Protagonismo Juvenil. Vale destacar que ela foi acrescida no currículo escolar das chamadas escolas cidadãs integrais. Esse termo, “protagonismo juvenil”, não é novo no cotidiano das escolas aqui na Paraíba. Ele surge desde o início do modelo da ECI e ECIT no estado, onde as primeiras escolas foram fundadas no ano de 2016.

Foi disponibilizado pela secretaria de educação um manual específico para que os professores trabalhem junto aos estudantes nas aulas de protagonismo juvenil, sendo eu, professor de História na ECIT Daura Santiago Rangel, designado para lecionar componente curricular. Na Paraíba a primeira etapa de entrega do material referente às primeiras séries do ensino médio ocorreu no ano de 2022, a segunda etapa que abrange os conteúdos das segundas séries foi entregue gradualmente no ano de 2023 e os temas desenvolvidos referentes as terceiras séries foram disponibilizados no ano vigente, fechando assim o ciclo de implementação do componente curricular nas três séries do ensino médio das escolas paraibanas.

Enquanto docente de História na ECIT Daura Santiago Rangel, carregamos a compreensão de que quando falamos em protagonismo juvenil no espaço escolar, é necessário apresentar a importância do grêmio estudantil para os jovens como uma

<sup>9</sup> Bacharel e Licenciando em Ciências Sociais (UFPB). Professor da ECIT Daura Santiago Rangel em João Pessoa/PB. Mestre em Sociologia (UFCG).

<sup>10</sup> Professora Doutora em Sociologia vinculada ao Departamento de Ciências Sociais da UFPB.

<sup>11</sup> Professora Doutora em Sociologia vinculada ao Departamento de Ciências Sociais da UFCG/PROFSOCIO.

ferramenta do seu exercício de ações protagonistas enquanto sujeitos sociais. Foi pensando nesta questão, como uma problemática a ser enfrentada, que ao assumimos o componente curricular protagonismo juvenil e após ministrar o tema referente ao grêmio estudantil em sala de aula, demonstrando sua importância enquanto espaço político, participativo e decisórios para os jovens, consultei os jovens/estudantes do ensino médio se eles desejariam fundar o grêmio na escola.

Nesta comunicação apresentamos a experiência de organização do Grêmio Estudantil na ECIT Daura Santiago Rangel no ano de 2022, focando na participação dos jovens/estudantes na proposta e a colaboração docente.

Para atuar como docente no componente protagonismo juvenil tivemos acesso ao Manual entregue aos professores pela secretaria da educação. Este manual remete a um tipo de protagonismo que possui uma direta relação com aspectos empresariais de cunho neoliberal, onde os jovens são levados a superarem seus desafios imediatos por meio de métodos que os façam progredir pessoalmente em busca do sucesso tão sonhado, sendo muitas vezes esquecido ou colocado de lado a reflexão necessária sobre a conjuntura social em que estão inseridos e como estas contribuem positivamente ou negativamente na construção dos sujeitos sociais em suas diversas dinâmicas de vida.

Além disso, no referido Manual, termos como autogestão, cogestão, autoestima, entre outros, revelam-se enquanto conceitos que colocam todas as realizações dos indivíduos adquiridas na responsabilidade deles, não imputando aos governantes, ao Estado ou aos órgãos públicos o dever de providenciar o necessário para uma vida digna e de direitos. Esses termos corroboram com aquilo que dizem Boltanski e Chiapello (2009) no livro “O novo espírito do capitalismo”, quando afirmam que a partir dos anos 1990 há um movimento contra a hierarquia onde características como autonomia, competência e autogestão passam a ser levadas em extrema consideração nas relações sociais, tendo essas ideias origem em contextos empresariais.

Identificamos também que no material disponibilizado pela secretaria de educação, há somente um encontro educativo (módulo) que apresenta o grêmio estudantil e a sua relevância, algo a ser criticado devido a uma ausência de uma discussão mais robusta sobre esse tema. Sabemos o quanto esse espaço democrático

é relevante para o jovem, é nele que os estudantes poderão encontrar os meios mais viáveis para desenvolverem sua participação política e atuar para o bem da coletividade.

Por outro lado, temos a compreensão que o grêmio estudantil possibilita aos estudantes o desenvolvimento do senso crítico, capacita-os a serem criativos e forma indivíduos participativos (Luz, 1998). Também os incita a terem responsabilidade política e lutar ativamente por seus direitos, desenvolver capacidade de negociação, entender de participação política e da organização social da escola, da educação e da sociedade, assim como exercer seu poder através da ação política. Os jovens são levados a pensar e agir não somente no contexto da sala de aula, mas em relação a todo o espaço escolar e para além dessa realidade, podendo trazer benefícios para a comunidade em que a escola está inserida.

A ECIT Daura Santiago Rangel foi criada em 1987, localizada no bairro de José Américo e ainda não possuía um grêmio. A maioria dos estudantes das diversas turmas do ensino médio, não somente dos primeiros anos onde a disciplina iniciou a ser lecionada, concordaram com a proposta da criação do Grêmio Estudantil e como professor de História, fomos auxiliá-los em todo o processo burocrático concernente as documentações necessárias para se iniciar o estabelecimento da entidade estudantil.

Depois de confirmado o interesse dos estudantes em fundar o grêmio estudantil, sendo também a gestão da escola informada e presenciado o interesse dos alunos pela questão debatida, nos reunimos junto com o conselho de líderes, que representava suas respectivas turmas, para elaborar o documento de convocação da Assembleia Estudantil.

O documento a respeito da Assembleia foi divulgado para todos os estudantes no dia 22 de agosto de 2022, tendo como pauta os seguintes pontos: criação do grêmio estudantil; escolha do nome do grêmio; aprovação do estatuto do grêmio; composição da comissão eleitoral e data das eleições. Todos esses temas que compuseram a pauta foram debatidos antes com os representantes de cada turma, além de ter sido organizado como se daria cada detalhe da assembleia.

A Assembleia Geral dos Estudantes aconteceu no dia 25 de agosto de 2022, ela foi conduzida por uma estudante que representou o conselho de líderes. Também compôs a mesa outro estudante como secretário, um representante da gestão e a

nossa presença como representante dos professores e titular da disciplina de protagonismo juvenil. Toda a pauta foi apresentada ao corpo discente podendo eles votarem em cada um dos pontos.

A fundação do grêmio foi aprovada pelos estudantes, o nome escolhido pela maioria passou a ser “Protagonistas no Poder”, o estatuto foi aprovado, a comissão eleitoral escolhida e as datas para início das inscrições das chapas e eleição decididas. Por meio desse processo podemos perceber a execução de uma atuação democrática vivenciada pelos estudantes.

Depois de todo o processo de inscrições de chapas e campanha eleitoral, no dia 13 de setembro de 2022, a chapa eleita toma posse da diretoria do agora Grêmio Estudantil “Protagonistas no Poder”. Tivemos no início a formação de duas chapas, mas uma desistiu e somente uma continuou no processo eleitoral, sendo a nova diretoria composta por dez integrantes. Os estudantes vencedores receberam os certificados de diretores do grêmio das mãos da presidente da comissão eleitoral, participando também os professores, gestores e demais estudantes desse momento solene.

Quando pensamos no jovem enquanto um sujeito social e vivendo a sua condição juvenil “sua cultura, suas demandas e necessidades próprias” (Dayrell, 2007, P. 1107), o grêmio estudantil se apresenta como um espaço em que a sua atuação democrática e política poderá ser externalizada amplamente.

A partir da experiência implantada com a criação do Grêmio na ECIT Daura Santiago Rangel, constatamos que este continua atuando de maneira bem ativa, participando os integrantes de todas as pautas referentes à comunidade escolar objetivando representar os demais discentes. Como afirma Freire (1967) estes jovens assumem a criticidade como requisito fundamental para a fundação da mentalidade democrática. Além disto, estes jovens/estudantes críticos acerca da realidade que os circunda, exercem assim a sua liberdade democrática em questionar e irem em busca dos seus direitos enquanto cidadãos.

Esta comunicação refere-se a parte do TCC com o título “Protagonismo Juvenil em ação: a aplicação de oficinas na escola como ferramentas de formação política para integrantes do grêmio estudantil” defendido no ano de 2023 no programa de Mestrado Profissional em Sociologia (Profsocio/UFCG).

# VI Congresso Nacional da Abecs

05 a 08 novembro de 2024 | UFMG

266

**Palavras-chave:** Protagonismo juvenil, participação política, grêmio estudantil.

## Referências

- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, È. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- LUZ, S. E. *A organização do grêmio estudantil*. São Paulo: IMESP, 1998.

## Novos desafios da Educação Básica? A prática da automutilação e Tentativa de Suicídio entre jovens estudantes da Rede da Ensino Básico em São Luís/Ma

Karlene Carvalho Marinho de Araújo <sup>12</sup>  
Andrea Joana Sodré de Sousa Garcia <sup>13</sup>  
Ana Carolina Torrente Pereira <sup>14</sup>

O suicídio é um fenômeno que ocorre em todas as regiões do mundo, estima-se que, anualmente, mais de 800 mil pessoas morram por suicídio e, a cada adulto que se suicida, ao menos 20 atentam contra sua própria vida<sup>2</sup>. Segundo o Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2017, p.1) no período de 2011 a 2018 foram notificados 339.730 casos de violência autoprovocada, dos quais 154.279 (45,4%) ocorreram na faixa etária de 15 a 29 anos, representando 6% das mortes violentas no Brasil. Este informativo apontou aumento de 10% nas taxas de suicídio entre 2011 e 2017, sendo que o maior aumento ocorreu entre 2016 e 2017.

No caso do Maranhão, de acordo com O Boletim Social - Prevenindo o Suicídio, as lesões autoprovocadas, corresponderam a 10,3% das notificações de violência, no período de 2011 a 2017. De acordo com o documento, observou-se um aumento no número de lesões autoprovocadas tanto no Maranhão como no Nordeste, entre 2011 a 2017. Diante desse cenário em 2019 entrou em vigor a Lei Federal 13.819/2019, a qual instituiu a Política de Nacional Prevenção da Automutilação e do Suicídio a ser implementada pela União, numa rede de cooperação entre os Estados, o Distrito Federal e os Municípios. Nela definiu-se violência autoprovocada como um problema de saúde Pública. Concomitante a essas Políticas Públicas, as escolas, enquanto espaço de agregação dos chamados grupos de risco de jovens, entre 15 e 20 anos, precisaram desenvolver políticas de prevenção e debate acerca do tema.

Diante deste cenário a educação básica está diante de novos desafios relacionados a pratica da automutilaçãoe tentativas de suicidio entre jovens estudantes.

<sup>12</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PPGSOC, Professora Educação Básica. [karlene.carvalho@ufma.br](mailto:karlene.carvalho@ufma.br)

<sup>13</sup>Doutoranda pelo Pprograma de Pós-graduação em Ciências Sociais PPGSOC, professora Educação Básica. [garcia.andreajoana@gmail.com](mailto:garcia.andreajoana@gmail.com)

<sup>14</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PPGSOC, professora Educação Básica. [anacaina79@gmail.com](mailto:anacaina79@gmail.com)

A escola se apresenta como palco de socializações; formada por agentes sociais que fazem o cotidiano escolar a partir de suas trajetórias sociais, que se constroem e se legitimam nesse ambiente. Dessa forma a escola tem funcionado como pano de fundo para a manifestação de práticas de auto violência e tentativa de suicídio praticado entre o alunado. Enquanto espaço social, a escola, se constrói a partir de uma rede de relações, onde os agentes dessa rede se apresentam, interagem e ocupam posição de extrema relevância para a construção desse espaço social. Diante da complexidade desse ambiente e de como as relações são construídas e operadas, que conflitos e adesões ensejam, são parte constituinte das questões que envolvem o ambiente escolar. Sobretudo, como os alunos, integrantes desse espaço social, têm desenvolvido transtornos emocionais que se manifestam através da violência autoprovocada, cuja frequência e impacto parecem ter afetado diretamente a organização do ambiente escolar e a prática do professor em sala de aula.

Temos observado que cada vez mais um público de menos idade na maioria dos casos, a partir dos 14 anos de idade, tornando-se um grave problema de saúde pública, que ainda é subnotificado no Brasil pelas estatísticas do Ministério da Saúde. No Brasil, questões relacionadas a comportamentos automutiladores só ganharam visibilidade como problema de saúde pública e de ordem social a partir da segunda metade dos anos 2000, período em que redes sociais e fóruns virtuais de compartilhamento de experiências autolesivas disseminaram-se rapidamente. Jogos online de risco como “Baleia Azul”, “Jogo da Asfixia”, o “Desafio da Momo”, por exemplo, “viralizaram” fazendo sucessivas vítimas em várias partes do mundo pois que, em certas circunstâncias, fomentam atos em que as pessoas –principalmente jovens – mutilam a si mesmo.

De acordo com esse estudo entre crianças e adolescentes da Polônia, os comportamentos suicidas eram preocupantes pois eles apontavam uma tendência ao aumento, não apenas lá, mas também em outros países, de grupos suicidas cada vez mais jovens. Algo que já podemos observar aqui no Brasil. Segundo o artigo *Violência autoinflicted por crianças e adolescente em um município do interior paulista*, no mundo cerca de 900 mil pessoas morrem em decorrência do suicídio, o equivalente a uma morte a cada 40 segundos e uma tentativa a cada três segundos. No ano de 2016, em nível mundial, foi dado como a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos.

O suicídio de crianças e adolescentes, desde a década de 80, segundo Jarosz (2005) está em constante progressão a nível mundial, o que aponta para uma intensificação de comportamentos suicidas. No Brasil, segundo o Boletim Epidemiológico (2019), no período de 2011 a 2018 foram notificados 339.730 casos de violência autoprovocadas, dos quais, 154.279 (45,4%) ocorreram na faixa etária de 15 a 29 anos. O perfil destes jovens, com notificação de violência autoprovocada, mostra que eram predominantemente brancos, (47,5%), esses jovens era majoritariamente do sexo masculino (79,0%), com 4 a 11 anos de estudo (58%,2).

Esses dados mostam como a adolescência e a juventude são fases marcadas por constantes mudanças de ordem psicológica, física e/ou social, nas quais o indivíduo passa por diversos conflitos e ambivalências. Nesse momento, adolescentes e os jovens também estão desenvolvendo estratégias para lidar com seus problemas existenciais, como compreender o sentido do viver e do morrer e, assim, os atos de autoviolência/automutilaçãoas e ideias suicidas podem aparecer como parte do processo, refletindo apenas a busca pela própria identidade

De acordo com o Boletim epidemiológico (2022) O número total de óbitos por suicídio registrados na população de adolescentes no período de 2016 a 2021 foi de 6.588. Observa-se que o suicídio foi mais frequente em adolescentes entre 15 e 19 anos (84,4%), do sexo masculino (67,9%) e em pretos/pardos (56,1%). O meio de agressão utilizado com maior frequência foi o enforcamento (76,1%) e verifica-se o domicílio como local de maior ocorrência de óbitos (63,4%). Em relação às taxas de mortalidade por suicídio, verificou-se um aumento dessas taxas entre 2016 e 2019, de 2,74 por 100 mil para 3,90 por 100 mil adolescentes. No ano de 2020, ano de início da pandemia do covid-19 no Brasil, a taxa foi de 3,82, e em 2021 foi de 4,02 por 100 mil.

**Palavras-chave:** Automutilação, jovens, Suicídio, Escola

### Referências

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. Perfil epidemiológico dos casos notificados de violência autoprovocada e óbitos por suicídio entre jovens de 15 a 29 anos no Brasil, 2011 a 2018. Ministério da Saúde, v. 50, n. 24, set. 2019. Disponível em: [https://www.mppa.mp.br/arquivos/CAOPDH/BOLETIM\\_SOCIAL\\_DO\\_IMESC\\_2019.pdf](https://www.mppa.mp.br/arquivos/CAOPDH/BOLETIM_SOCIAL_DO_IMESC_2019.pdf). Acesso em: 10 dez. 2023.

CÂNDIDO, F. P.; VIEIRA, M. R.; RODRIGUES, A. F. Violência autoinfligida por crianças e adolescentes em um município do interior paulista. *Revista da Sociedade Brasileira de Enfermagem Pediátrica*, v. 21, n. 2, p. 133-140, 2021.

CARVALHO, J. L.; QUEIROZ, J. B.; STEINER, P. Ciências sociais e suicídio: revisitando os clássicos e estudos atuais. *Revista Pós Ciências Sociais*, São Luís, v. 18, n. 3, p. 417-430, set./dez. 2021.

DURKHEIM, É. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

EMERIQUE, R. B. Ciências sociais e educação básica: a quantas anda esse relacionamento? In: SILVA, F. I.; GONÇALVES, D. N. (Org.). *A sociologia na educação básica*. São Paulo: Cortez, 2017.

FILHO, J. L. de C. O ensino de Sociologia como problema epistemológico e sociológico. *Educação e Realidade*, jan./mar., p. 59-80.

HALBWACHS, M. Les tentatives de suicide. In: HALBWACHS, M. *Les causes du suicide*. Paris: PUF, 2002. p. 51-66. Tradução: José Benevides Queiroz.

JAROSZ, M. Tentatives de suicide d'enfants et d'adolescents. In: JAROSZ, M. *Suicides*. Paris: L'Harmattan, 2005. p. 106-119. Tradução: José Benevides Queiroz.

LIMA, A. J. C. A Sociologia nas matrizes curriculares do Ensino Médio e no ENEM: temas, teorias e conceitos. In: SILVA, F. I.; GONÇALVES, D. N. (Org.). *A sociologia na educação básica*. São Paulo: Cortez, 2017.

MARX, K. *Sobre o suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, K.; ENGELS, F. *Textos sobre educação e ensino*. São Paulo: Centauro, 2004.

MEDEIROS, C. C. de. Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. *Movimento*, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 281-300, jan./mar. 2011.

MINAYO, M. C. de S. A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 421-428, 1998.

## Socialização cultura e lazer: perspectiva do Ensino Médio de uma escola Pública em Belo Horizonte

Andreia dos Santos  
Kasshyia Lopes Couto

O presente artigo foi pensado a partir das experiências vivenciadas como bolsista de Iniciação à Docência no Programa de Iniciação à Docência -PIBID no curso de licenciatura em ciências sociais da PUC Minas. O PIBID é um programa criado em 2004 pelo Governo Federal e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (BRASIL) que tem como objetivo a interação inicial de licenciandos com o contexto de escolas públicas.

A relevância do programa PIBID para a formação docente é significativa, pois além de incentivar a docência e as práticas de aprendizado dos alunos de licenciatura, pode-se observar que os alunos experimentam o exercício do “olhar sociológico”, exercitando práticas de pesquisa na docência e de extensão. Assim, têm-se a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão que são o alicerce do processo de ensino superior. Por outro lado, a prática de docência vivenciada pelos alunos de licenciatura, ainda em fase inicial de aprendizado, permite que os alunos aprendam e construam um caminho seguro entre teoria e prática.

Dentro deste contexto, ao acompanhar a vivência escolar, pelo processo de observação e aplicações de metodologias tanto de ensino quanto de pesquisa, permitiu conhecer várias camadas de aprendizado por meio do que foi observado em uma escola pública em Belo Horizonte, onde as atividades de ensino de sociologia foram realizadas. Nesta escola pública, observou-se uma gama diversificada de alunos, que estudavam em uma região de classe média alta em Belo Horizonte, mas que são, majoritariamente, oriundos de comunidades periféricas, que estão próximas à escola. Durante os meses de realização das atividades do PIBID na escola, pode-se observar a quantidade de locais que oferecem cultura e lazer no entorno da escola. Logo, a questão de acesso e de apropriação dos espaços mais privilegiado de cultura, permeou as atividades realizadas e o interesse em saber mais como os alunos compreendem a relação de cultura e lazer, estando perto de um espaço em que os moradores e transeuntes circulam e frequentam com naturalidade.

A Escola Estadual Augusto de Lima está localizada na Avenida do Contorno e possui, segundo o Censo Escolar de 2023, 484 alunos matriculados desde 5º ano do fundamental ao 3º ano do ensino médio, localizada no bairro Funcionários na região centro-sul de Belo Horizonte, que possui, segundo dados da Prefeitura de Belo Horizonte, o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do município e faz parte da cidade planejada, organizada a partir da necessidade de atender demandas próprias de uma capital.

Enquanto os alunos da escola advêm de regiões periféricas que, no caso da região centro-sul, é o Aglomerado da Serra que, em números de habitantes, é o maior aglomerado de vilas da capital mineira (Censo IBGE, 2000). De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (2000), o Aglomerado da Serra é uma UP (Unidade Espacial), constituída pelas seguintes vilas: Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora da Conceição, Santana do Cafetal e Marçola. Com uma população total de 33.341 habitantes. O Aglomerado é caracterizado pela Prefeitura de Belo Horizonte como área de vulnerabilidade social, ocupando a 6ª posição no Índice de Vulnerabilidade Social.

O conceito de vulnerabilidade social vai além da noção de pobreza puramente econômica, segundo Katzman e Filgueira (2006) a limitação de recursos de que as famílias dispõem são insuficientes para aproveitar as estruturas de oportunidades, acesso à bens e serviços ou atividades que incidem sobre o bem-estar domiciliar.

Além do conceito de vulnerabilidade social e para refletir sobre a questão cultural, recorremos a Bourdieu (1984), que oferece uma perspectiva para compreender as práticas dos indivíduos em um ambiente social marcado pela desigualdade. No caso em questão, a desigualdade se manifesta pela divisão entre o espaço privilegiado ocupado pela escola na cidade e o público a que ela atende. Outro aspecto desse autor é o conceito de capital cultural.

Dito isso, tem-se como pergunta norteadora, neste trabalho: como jovens alunos, em sua maioria negros advindos de umas das maiores periferias de Belo Horizonte, se em um bairro em que a maioria da sua população residente é branca e de classe média alta?

Para resposta a esse questionamento, aplicou-se um questionário aos alunos e a quantidade de respostas obtidas foi de 66 questionários no ano de 2024, quando a

pesquisa foi realizada. Os alunos da manhã foram escolhidos como os prioritário o turno da manhã possuía em torno de 407 alunos. A resposta ao questionário ficou restrita aos alunos que foram acompanhados no PIBID e as questões contidas no instrumento foram elaboradas, para que se pudesse conhecer o perfil dos alunos do turno da manhã, bem como o que eles acessam no entorno da escola em termos de lazer e cultura. Além disso, procurou-se conhecer mais sobre os hábitos de lazer e cultura desses alunos, para que pudesse, não apenas conhecê-los mais. Também como estratégia de coleta de dados compreensão do fenômeno e inquietação de pesquisa, partiu das observações realizadas na escola, durante o tempo despendido para as atividades do PIBID. Essa etapa foi muito relevante para a formação docente, uma vez que a etnografia escolar é um momento importante para aplicarmos à docência.

Em relação ao perfil dos alunos respondentes, nota-se que estão entre 15 e 19 anos, cursando entre o 1º e 3º ano do ensino médio regular matutino. Quanto à escolha da escola, 51,5% afirmaram que o motivo pelo qual escolheram estudar na escola Augusto de Lima é a escola mais perto de onde mora. Dos respondentes, 67% indicaram que moram em algum bairro do Aglomerado da Serra. Outro apontamento da pesquisa é que grande parte dos jovens são negros e de baixa renda, cerca de 71% dos alunos se consideram pretos ou pardos, contrapondo 29% brancos; 65% afirmaram que moram no Aglomerado da Serra, e 45% com renda familiar mensal entre 1 e 1,5 salários-mínimos.

Quanto ao acesso aos espaços de lazer e cultura no entorno da escola, nota-se que aproximadamente 58% dos entrevistados raramente ou nunca frequentam os espaços de lazer do bairro, tanto por falta de tempo, quanto por não considerarem atrativos. Deve-se destacar que o meio social no qual está inserida a escola é reconhecido na cidade de Belo Horizonte, como sendo característico de um bairro como de classe média, que faz divisa com bairros periféricos, como o Aglomerado da Serra. Segundo Santos (1984) as áreas definidas pela classe burguesa que, na distribuição dos espaços e as suas formas de uso no urbano, foram definidas a priori, visando facilitar a “ação do poder” no controle desses espaços.

A pesquisa realizada na Escola Estadual Augusto de Lima, expôs os contrastes vivenciados por alunos oriundos de áreas periféricas, como o Aglomerado da Serra,

em um espaço de convivência marcado por desigualdades sociais e culturais. A análise dos dados, obtidos por meio de questionários e observações, revelou que os alunos, em sua maioria jovens negros de baixa renda, possuem um acesso limitado aos espaços de lazer e cultura do entorno da escola, mesmo estando em uma região com maior oferta desses serviços. Isso reflete as barreiras socioeconômicas e culturais que permeiam suas experiências cotidianas, alinhando-se ao conceito de capital cultural de Bourdieu e à noção de vulnerabilidade social.

**Palavras-chave:** Formação inicial docente, lazer, Capital Cultural.

## Referências

- BELO HORIZONTE. PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. *Plano Global do Aglomerado da Serra: levantamento de dados*. Belo Horizonte: [s. n.], [s. d.].
- BOURDIEU, P. *Distinction: a social critique of the judgement of taste*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1984.
- KAZTMAN, R.; FILGUEIRA, F. As normas como bem público e privado: reflexões nas fronteiras do enfoque ‘ativos, vulnerabilidade e estrutura de oportunidades (Aveo)’. In: FILGUEIRA, C. H.; KAZTMAN, R. (Org.). *Resiliencia y vulnerabilidad en América Latina: cómo enfrentar los desequilibrios económicos y sociales*. Montevidéu: CEPAL, 2006. p. 31-45.
- SANTOS, M. *Por uma geografia nova*. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1978.

### Os impactos do culto de domingo na aula de segunda: Vivências das juventudes evangélicas na escola e na igreja

Marcos Antônio Silva<sup>15</sup>

Este artigo apresenta os resultados da tese de doutorado (Silva, 2023), cujo objetivo central foi analisar as condições de escolarização de estudantes evangélicos em uma escola estadual de ensino médio localizada na periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). O estudo focou na crescente presença de jovens de crença pentecostal na sociedade brasileira (Mariano, 2013; Novaes, 2018; Cunha, 2016) e, consequentemente, nas escolas, abordando dimensões fundamentais do processo de ensino-aprendizagem, como as relações interpessoais entre educadores e educandos, o currículo, as práticas pedagógicas e a sociabilidade entre os pares.

A motivação para o estudo surgiu a partir do diálogo entre minha atuação como professor de sociologia no ensino médio e a literatura sobre a relação entre juventude, religião e escola (Oliveira, 2000; Andrade, 2014; Minarelli, 2020; Spyer, 2020), onde pude observar conflitos relacionados à resistência de jovens estudantes e suas famílias pertencentes a religiões evangélicas, especialmente os de orientação pentecostal, a conteúdos curriculares que, segundo sua avaliação, contrariavam a sua fé. A partir dessas constatações, foram formuladas questões que nortearam o estudo, tais como: Quais especificidades os adeptos do pentecostalismo trazem para o espaço escolar? Como a pertença a uma igreja evangélica pentecostal influencia as relações desses estudantes com o saber oferecido pelos currículos das escolas públicas? O pertencimento religioso afeta o comportamento e as interações desses alunos com professores e colegas? Há vantagens acadêmicas associadas à participação religiosa? E, finalmente, existe um movimento de lideranças religiosas no território investigado que visa influenciar as ações adotadas por estudantes, professores e pela direção da escola?

No que diz respeito à metodologia de pesquisa, optou-se por um estudo de caso, com observação direta do cotidiano escolar e a aplicação de questionários e entrevistas

<sup>15</sup> Professor da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE-MG), membro do Observatório da Juventude da UFMG. Possui graduação (bacharelado e licenciatura) em Ciências Sociais (FAFICH/UFMG), mestrado em Educação (FaE/UFMG) e doutorado em Educação (FaE/UFMG).

com alunos e docentes. Os procedimentos metodológicos incluíram: observação direta (cerca de 344 horas) do ambiente escolar; aplicação de questionários a 37 professores e 116 estudantes do ensino médio; realização de entrevistas com 10 estudantes evangélicos e coleta de depoimentos de 10 professores, enviados por áudio via aplicativo de mensagens, com duração entre 5 e 12 minutos.

Os resultados obtidos indicam uma alta frequência dos estudantes pentecostais às práticas religiosas, o que gerou uma concomitância entre a presença na escola e na igreja, vista por muitos como uma fonte de conflito. Depoimentos dos estudantes revelaram que as igrejas adotam estratégias para combater conhecimentos secularizados trazidos pela escola, como a orientação de "blindar a mente" dos jovens, evitando que se desviem da fé. Os professores, por sua vez, dividem-se em dois grupos principais no que diz respeito à religião no espaço escolar. Um grupo avalia que a religião é positiva, contribuindo para a disciplina e a vida dos jovens dentro e fora da escola. Outro grupo, contudo, enxerga a religiosidade como um obstáculo ao trabalho pedagógico, já que o discurso das lideranças religiosas frequentemente contradiz os conteúdos curriculares ministrados. A pesquisa também apresentou críticas à Rede de Ensino do Estado de Minas Gerais, sugerindo a necessidade de maiores investimentos na formação de professores, com foco em estratégias que garantam a laicidade do Estado e, ao mesmo tempo, respeitem a diversidade religiosa, objetivando uma convivência mais harmônica no espaço escolar.

## Bibliografia

- ANDRADE, M.; TEIXEIRA, P. A escola num mundo secular e religioso: poderia ser a tolerância uma alternativa? *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 36, p. 61-79, 2014.
- CUNHA, L. A. A entronização do ensino religioso na Base Nacional Curricular Comum. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 37, n. 134, p. 266-284, jan./mar. 2016.
- MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 119-137, 2013.
- MINARELLI, M. N. *Educação e religiosidade evangélica nos meios populares: expectativas das famílias sobre escolarização e educação moral*. 2020. 220 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1128975>. Acesso em: 20 mar. 2022.
- NOVAES, R. Juventude e religião, sinais do tempo experimentado. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 351-368, dez. 2018.

OLIVEIRA, H. S. de. *Jovens pentecostais e escolas noturnas: significados atribuídos às experiências escolares*. 2000. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS966HHA>. Acesso em: 19 set. 2021.

SILVA, M. A. *Religião e escola: as condições de escolarização de estudantes evangélicos em uma escola pública de ensino médio*. 2023. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

SPYER, J. *O povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam*. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

## Juventude, trabalho e Neoliberalismo no Brasil do século XXI

Marcos Roberto Mesquita<sup>16</sup>

A juventude é uma categoria sociológica, uma fase de transição em direção à fase adulta. Os jovens, como todos os grupos sociais, sofrem influências dos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais nos quais se inserem. No Brasil, segundo dados do Censo Demográfico 2022 do IBGE, os jovens (15 a 29 anos) representam 45,3 milhões de pessoas.

As dificuldades encontradas pelos jovens no mercado de trabalho não são uma exclusividade brasileira. A inserção dos jovens no mercado de trabalho se modificou muito nas últimas décadas e se tornou um processo bem mais complexo, o que levou a criação de novos campos de estudo para a Sociologia do Trabalho e a Sociologia da Juventude.

Os jovens estão entre os grupos mais afetados pelas transformações no mercado de trabalho nas últimas décadas e encontram dificuldades tanto para ingressar quanto para se manter no mercado de trabalho. O Neoliberalismo afeta intensamente os jovens. Há menos políticas públicas e cresce a ideia de que o jovem deve lidar com seu futuro por si só sem proteções do Estado. É a Ideia de meritocracia, de empreendedor de si mesmo.

Ruggieri Neto (2012) afirma que frequentemente a juventude é percebida como um período que se situa entre a infância e a vida adulta. Ele argumenta que a juventude carrega consigo duas incertezas fundamentais: a dificuldade em estabelecer claramente o seu início e término além do fato de que o que é ser jovem varia de uma sociedade para outra a partir do contexto político, econômico e cultural de cada sociedade. Ruggieri Neto também ressalta que a ideia de juventude é mais do que uma situação biológica, pois é uma construção social.

As novas gerações de jovens já estão imersas em um mundo caracterizado pela tecnologia, pelas constantes mudanças econômicas e pela precariedade no trabalho. A lógica competitiva incentivada pelo Neoliberalismo mina os laços sociais e as formas de solidariedade entre os indivíduos. Essa lógica permeia o dia a dia dos jovens levandoos

<sup>16</sup> Professor EBTT no Instituto Federal Catarinense (IFC) no campus Videira. Pós-doutorando em Educação na Universidade de Passo Fundo (UPF).

a se culpabilizarem por faltas de oportunidades e empregos, sem que haja uma crítica sobre a ausência de políticas públicas voltadas à juventude. Transforma-se num discurso de empreendedor do seu próprio esforço, sem que se perceba que deveria ter direitos garantidos pelo Estado ou qualquer tipo de consciência de classe. Pode-se então afirmar que a ideologia neoliberal molda a conduta de muitos jovens.

Além disso, Masi (2022) ressalta o aumento do número de jovens que, após concluírem seus estudos básicos, não conseguem encontrar emprego. Segundo o autor, essa situação de desemprego, pode levar esses jovens à depressão, ao desespero, ao tédio e até a desaprovação de uma sociedade estruturada em torno do trabalho. Essa conjuntura também faz com que os jovens dependam mais de suas famílias e permaneçam por mais tempo na casa dos pais, o que pode atrasar a formação de uma nova família ou até levá-los a desistir de formá-la.

Corrochano e Abramo (2016) afirmam que desde o final dos anos 1990, a juventude vem sendo alvo de políticas públicas, tornando-se objeto de atuação do Estado. Dada a condição desfavorável dos jovens no mundo do trabalho, as políticas públicas voltadas para o primeiro emprego, o retorno ao mundo do trabalho após o desemprego e a qualificação profissional tornaram-se muito importantes. Nesse contexto, Corrochano e Abramo consideram que a transição escola-trabalho se transforma em um tema central para formulação e implantação de políticas públicas.

A questão norteadora do artigo é: Por que o desemprego juvenil persiste como um grave problema do mundo do trabalho no Brasil do século XXI?

O objetivo geral é: Analisar o desemprego juvenil no Brasil das últimas décadas a partir de discussão teórica, metodológica e de análise de dados oficiais, sobretudo as pesquisas de emprego e desemprego.

Os objetivos específicos são: discutir os conceitos de juventude, trabalho, mundo do trabalho, neoliberalismo, desemprego e desemprego juvenil; caracterizar o mundo do trabalho encontrado pelos jovens brasileiros ao longo das duas últimas décadas; verificar como processos tecnológicos, como a Inteligência Artificial impactam nas carreiras dos jovens, em suas oportunidades de trabalho e se expandem o desemprego e a precarização do trabalho entre a juventude.

No que se refere à metodologia, o artigo se organizará a partir da análise bibliográfica do trabalho juvenil e do desemprego. Será realizada a discussão de dados sobre a juventude, sua situação ocupacional e o desemprego. Os dados referentes ao desemprego e a juventude terão como base o IBGE, o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos), o MTE (Ministério do Trabalho e Emprego) e a OIT, entre outras fontes e pesquisas.

Outros autores importantes para o artigo: Antunes, Pochmann, Dardot e Laval, Corrochano, Bauman, Sennett, Sposito, Novaes, Abramo, Giddens, entre

**Palavras-chave:** Juventude, trabalho, educação, neoliberalismo, primeiro emprego.

## Referências

- CORROCHANO, M. C.; ABRAMO, L. W. Juventude, educação e trabalho decente: a construção de uma agenda. *Linhas Críticas*, Brasília: UNB, v. 22, n. 47, jan./abr. 2016.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MASI, D. de. *O trabalho no século XXI: fadiga, ócio, criatividade na sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro: Sextante, 2022.
- POCHMANN, M. *A batalha pelo primeiro emprego: a situação atual e as perspectivas do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.
- RUGGIERI NETO, M. T. Juventude e sociedade: fundamentos sociológicos para uma análise das políticas públicas no Brasil atual. *Organizações & Democracia*, Marília: UNESP, v. 13, n. 2, jul./dez. 2012.

## Olhares Juvenis: Mapeamento Cultural e Desconstrução de Estereótipos em Maceió, Alagoas

Mayara Silva Escanhoela<sup>17</sup>

### Introdução

Este trabalho resulta de uma experiência educacional vivenciada no contexto do Programa Alagoano de Ensino Integral (pAlei). A experiência em questão envolve a construção de um mapa cultural dos bairros dos estudantes na disciplina eletiva "Identidade e Cultura", que estou lecionando no ano de 2024. A motivação para esse projeto surgiu da necessidade de transformar as perspectivas negativas frequentemente associadas aos estudantes, sobretudo periféricos, e às juventudes, que muitas vezes são estigmatizadas no ambiente escolar. Nesta análise, proponho refletir, à luz das teorias da Sociologia das Juventudes, como a construção desse mapa pode permitir que os alunos revelem seus territórios a partir de seus próprios olhares, contribuindo para uma compreensão mais profunda de sua cultura e identidade, a fim de combater estereótipos na escola.

### Juventudes/Reflexão Teórica

Observa-se que as escolas abriram-se para receber um novo público mas ainda não se reestruturaram internamente para criar um diálogo eficaz com os jovens e suas realidades. A juventude é frequentemente vista como uma fase de transição, em que os jovens são considerados "vir a ser" adultos. Esta perspectiva, dominante na escola, tende a ignorar a diversidade de experiências e contextos em que os jovens vivenciam sua condição juvenil (Dayrell, 2007).

Segundo Silva (2013), a discussão sobre currículo envolve mais do que o conhecimento, pois está diretamente ligada à formação da identidade. O conhecimento adquirido durante a trajetória educacional molda quem nos tornamos, tornando inseparável a relação entre currículo, identidade e subjetividade dos alunos. No caso do meu alunado, composto por estudantes majoritariamente negros,

<sup>17</sup> Professora de Sociologia na Secretaria de Estado de Educação de Alagoas (SEDUC), Mestranda no Programa de Pós Graduação em Sociologia na Universidade Federal de Alagoas (PPGS/UFAL), Bolsista FAPEAL, e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

periféricos e pobres, considerar esses marcadores sociais da diferença é essencial ao se discutir o "direito de se saber" (Arroyo, 2014).

Em diálogo com Freire (1987), comprehende-se que somente com a valorização dos saberes dos estudantes e a partir de suas realidades, ou seja, dos "temas significativos" é que deve-se constituir um "conteúdo programático" ou "currículo" nos programas de educação. Partir da realidade dos estudantes significa possibilitar a eles o direito deles "de se saber", e compreender suas trajetórias de vida. A partir desse entendimento, poderão compreender as complexidades da estrutura social de maneira significativa (Mills, 1995).

Infelizmente, em alguns contextos, a juventude é marcada por situações de desumanização, onde os jovens são "proibidos de ser" e de desenvolver plenamente suas potencialidades. Eles enfrentam opressões e violências que limitam seu potencial e seu direito de viver a juventude de maneira plena e digna (Dayrell, 2003, p. 43). Assim, é crucial reconhecer e abordar essas desigualdades para promover uma educação que reflita e responda às necessidades e realidades dos jovens.

## Eletivas: um território de disputas

Os currículos do Novo Ensino Médio e dos Referenciais Curriculares Alagoanos (reCAL) para Escolas Estaduais Integrais (pAlei) são divididos em formação geral básica, itinerários formativos e atividades complementares. As disciplinas optativas devem ser escolhidas pelos estudantes, conforme suas preferências, e, apesar de a Secretaria da Educação (SEDUC) fornecer sugestões temáticas, os professores precisam criar suas próprias ementas. Como não há materiais específicos disponíveis, os docentes elaboram referências, conteúdos programáticos e materiais de apoio, submetendo tudo à supervisão e aprovação da SEDUC.

Segundo o documento (reCAL), a flexibilização curricular é uma das principais características do modelo pedagógico do Programa Alagoano de Ensino Integral. Isso permite que cada escola desenvolva um currículo adaptado às realidades e necessidades dos estudantes, promovendo um diálogo com o contexto local. Nesse sentido, as disciplinas eletivas têm o papel de incluir temáticas ausentes na formação geral básica.

Entretanto, existem desafios inerentes à implementação das Eletivas. Em teoria, essas disciplinas deveriam partir dos alunos, criando espaço para um currículo mais diverso e polifônico. Contudo, na prática, a construção das ementas ainda fica a cargo dos docentes, o que nos coloca em um "território de disputas" (Arroyo, 2013), onde prevalecem diferentes abordagens pedagógicas. A simples existência das eletivas, portanto, não garante um currículo alinhado às expectativas dos estudantes, pois isso dependerá das perspectivas, filosofias e metodologias adotadas por cada professor.

## Metodologia

Este trabalho reflete minha experiência como professora de Sociologia na eletiva "Identidade e Cultura" em 2024, em uma escola estadual de Maceió. A disciplina foi criada a partir das preferências dos alunos, identificadas por questionários, e ajustada conforme as demandas pedagógicas e o catálogo de eletivas da SEDUC. Compreender o perfil dos alunos foi essencial para adaptar a abordagem pedagógica. Minha turma, composta principalmente por estudantes do bairro periférico Chã da Jaqueira, era vista pela escola como "mal comportada" ou "difícil", estereótipos frequentemente associados ao bairro. Diante disso, redirecionei a disciplina para que os alunos pudessem mostrar sua realidade, desafiando esses estigmas e conectando teoria e prática.

Inspirada no projeto "Mapeando Minha Quebrada", do professor Thales do Amaral Santos, em Belo Horizonte, propus a criação de um mapa cultural e afetivo dos bairros dos estudantes, com o objetivo de registrar pontos de interesse, reconhecer o território como parte da cultura e valorizar suas identidades, desafiando a visão preconceituosa que associa as periferias à criminalidade. Durante um bimestre, dividimos a turma em grupos para mapear os bairros, identificando ruas, becos e pontos de interesse, enquanto discutimos o conceito de cultura local. Embora inicialmente os estudantes tivessem dificuldade em ver seus territórios como produtores de cultura, ao longo do processo expandiram suas percepções sobre o que significa viver nesses espaços. Na avaliação final, reconheceram a importância prática do mapa para a comunidade, como na entrega de encomendas, além de valorizarem o conhecimento sobre a história e cultura do próprio bairro. A apresentação dos mapas para outros alunos e professores mostrou que o projeto abriu espaço para a construção de novas percepções.

## Considerações Finais

Na escola, o "corpo território" (Deleuze & Guattari) dos alunos passa entrar em conflito nesse espaço dominante, permeado por poder simbólico, e por mais que eles não estejam fisicamente no bairro, são vistos como "os estudantes da Chã da Jaqueira" e passam a enfrentar estigmas e preconceitos. Os corpos dos estudantes, ao representarem seu território de origem, tornam-se alvos de estigmatização, pois carregam marcas culturais que não se ajustam facilmente ao espaço estriado, permeados por normas e expectativas como escolas ou outras instituições. A artesania do mapa cultural foi uma experiência que buscou abrir um espaço para que começássemos a expandir as concepções sobre o que significava viver naquele lugar. Observamos que não só permitiu que os alunos mostrassem a riqueza cultural de seus bairros, mas também abriu espaço para um diálogo mais amplo sobre identidade, pertencimento e as narrativas que os cercam.

**Palavras-chave:** (Juventudes, Currículo, Mapas Culturais).

## Referências

- ALAGOAS. *Referencial Curricular de Alagoas (ReCAL) para o ensino médio*. Secretaria de Estado da Educação de Alagoas, 2021.
- ALAGOAS. *Decreto nº 40.20, de 20 de abril de 2015*. Institui o Programa Alagoano de Educação Integral. Disponível em: <https://escolaweb.educacao.al.gov.br/pagina/programa-alagoano-de-ensino-integral-palei>. Acesso em: 20 set. 2023.
- ARROYO, M. *Curriculum, território em disputa*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- ARROYO, M. Os jovens, seu direito a se saber e o currículo. In: ARROYO, M. *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 157-203.
- DAYRELL, J. et al. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: ARROYO, M. *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 101-133.
- DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação & Sociedade*, v. 28, p. 1105-1128, 2007.
- DELEUZE, G. *Mil platôs*. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DIÓGENES, G. M. dos S. *Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop*. 1998. [Tipo de trabalho e instituição não informados].
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

## O Impacto das Mídias Sociais na Formação Educacional e Subjetiva dos Jovens

Norman Joshua Silva Mucave<sup>18</sup>  
Victor Polizello<sup>19</sup>

Nas discussões sobre juventude, educação e escola, é frequentemente abordado o aumento do distanciamento dos jovens com as instituições formais de ensino, e as dificuldades que apresentam diante as práticas pedagógicas e didáticas dos profissionais da educação. Sabendo que este problema surge de múltiplas relações de causalidade, este estudo se atém a discutir em especial as relações que as plataformas digitais, e mídias sociais tem na vida estudantil dos jovens, além de, compreender como as interfaces do universo digital influenciam no desenvolvimento educacional e formação subjetiva desses sujeitos.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2023 mais de 90% dos jovens entre 14 a 29 anos acessaram ou acessam as redes sociais, número maior do que a taxa de conclusão do Ensino Médio em 2021, segundo o Atlas da Violência. Estes dados refletem a inserção da tecnologia na realidade material da juventude, tanto dentro, quanto fora das instituições educacionais. Surge assim, a constante necessidade em refletirmos sobre a relação entre as redes sociais, os sujeitos e os espaços educacionais.

Imaginar o ingresso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na realidade material dos jovens é pensar também como as Tic's se inserem na realidade educacional. A inserção dos instrumentos digitais nos espaços escolares não reflete necessariamente um avanço do universo digital no espaço escolar, considerando as distâncias entre as plataformas virtuais de educação e as mídias sociais, que como visto estão quase que intrínsecas à vida dos jovens. O uso de aparelhos digitais nas salas de aula, não é capaz de adentrar aos universos pessoais que os estudantes vivem em seus smartphones e redes sociais.

<sup>18</sup> Graduando no curso de Ciências Sociais – Licenciatura, Universidade Federal de Alfenas – MG.

<sup>19</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alfenas – MG.

A profundidade que as plataformas e mídias digitais se inseriram na vida do jovem é inegável, sendo parte da cultura juvenil. Considerando a escola com uma instituição social voltada a juventude e sua formação para vivência em sociedade, esta não pode se ver a parte da cultura jovem, como diz Candau (2008, p. 16), “as questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, sob o risco de que a escola cada vez se distancie mais dos universos simbólicos, das mentalidades e das inquietudes das crianças e jovens de hoje”. Partindo da reflexão de Candau, os universos simbólicos e inquietudes não podem ser ignoradas pelas instituições educacionais, à medida que o digital se totaliza no cotidiano juvenil, se torna cada vez mais influente na formação da subjetividade destes jovens.

Refletir sobre o dado de uso das redes sociais e conclusão do ensino médio, bem como dados sobre a evasão, nos faz pensar a importância em compreender como a presença dos jovens nas redes sociais se sobrepõe a presença dos mesmos nas instituições de ensino.

O avanço da sociedade capitalista reduziu a percepção da realidade a partir das formas existentes, “tarefa cumprida com êxito pela indústria cultural, que molda o mundo a ser apresentado segundo as conveniências de seus patrocinadores” (crochík, 2010, p. 34), o avanço da ciência, dos mecanismos estatais, e da burocratização, fez com que o pensamento fosse “reduzido à matemática, a fórmulas, a estereótipos” (Crochík, 2010, p. 34). A regressão da cultura e a racionalidade da sociedade, faz com que a crítica não se aproxime do objeto, dificultando o reconhecimento do sujeito na cultura, afetando, consequentemente, seu processo subjetivo. Processo subjetivo este que na vida dos jovens é construído sob grande influência do universo digital, principalmente as redes sociais concentradas nas *big techs* (Instagram, Facebook, Twitter, WhatsApp e TikTok).

Os jovens nas redes sociais buscam de forma subjetiva se projetar enquanto sujeitos, sendo o espaço digital no qual se apresentam aos demais. Construindo suas personalidades através representações etéreas, consomem conteúdos de vidas artificiais e consequentemente produzem também representações artificiais de si mesmos a fim de se tornarem influentes e percebidos.

O sociólogo alemão Christoph Türcke, atenua como desenvolvimento do estado capitalista, e o avanço dos meios de comunicação, transformaram a relação do sujeito consigo mesmo e com a sociedade (através das propagandas desenfreadas e o massacre de notícias cotidianas), reconstruindo o que é ser percebido perante a nova realidade digital, segundo o autor “ter um perfil consumidor digno de nota significa ser alguém. Quem nem mesmo consegue fazer-se percebido para ter um tal perfil simplesmente não conta: não é ninguém” (Türcke, 2010, p. 41). Neste novo espectro, a subjetividade do sujeito se esvazia em um processo dialético, no qual o seu esvaziamento, é também seu preenchimento a partir da cultura exterior a ele, “que, por sinal, tanto mais fiel à realidade fica quanto menos a individualidade se diferencia de padrões de consumo” (Türcke, 2010, p. 41).

Considerando a reflexão acima, o que o sujeito busca nas plataformas não é, na verdade, nem a informação ou o diálogo, mas sim serem percebidos em sociedade. A quantidade de usuários presentes, bem como as representações simbólicas transpassadas através da comunidade e pelos *influencers*, faz com que os mesmos se sintam participantes deste universo e suas representações. Segundo Debord:

“a alienação do espectador em proveito do objecto contemplado (que é o resultado da sua própria actividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele comprehende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espectáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhos apresenta” (Debord, 2005 p. 19)

Através desta ótica, fica claro que o advento das tecnologias digitais no espaço escolar, ao invés de aproximar os jovens das instituições formais de ensino, tem potencialmente acentuado o distanciamento desses estudantes. Enquanto as mídias sociais se consolidam como elementos centrais na formação da subjetividade juvenil, a escola, muitas vezes, falha em integrar essas novas realidades digitais de maneira significativa. O uso de tecnologias em sala de aula não é suficiente para captar a atenção dos jovens, que já estão profundamente inseridos em universos digitais complexos e altamente personalizados. Assim, há um risco crescente de que as escolas se tornem espaços cada vez mais desconectados das vivências e necessidades culturais dos alunos, resultando em uma maior evasão escolar e uma

formação educacional superficial, que não dialoga com as profundas transformações culturais e sociais que moldam a juventude contemporânea.

Este estudo é justificado pela necessidade em compreender como as tecnologias digitais, especialmente as redes sociais, estão moldando a formação subjetiva e educacional dos jovens. Diante de dados alarmantes sobre a alta adesão dos jovens às redes sociais e a baixa taxa de conclusão do ensino médio, torna-se crucial analisar as implicações dessa dinâmica para o sistema educacional. A falta de uma integração crítica e significativa entre as práticas pedagógicas e os universos digitais dos jovens pode não apenas contribuir para o aumento do distanciamento entre alunos e escola, mas também perpetuar uma formação educacional que ignora as realidades culturais e sociais dos estudantes.

**Palavras-chave:** Educação, Formação Subjetiva, Juventudes, Redes Sociais.

## Referências

- BARÃO, M. et al. *Vozes das juventudes: Atlas das Juventudes e TALK*. Abril, 2021.
- CANDAU, V. M. *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CROCHÍK, J. L. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. *Psicologia USP*, v. 21, n. 1, p. 31–46, jan. 2010.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *PNAD Contínua: Tecnologia da Informação e Comunicação – 2019/2022/2023. Estatísticas Sociais*, 2024.
- TÜRCKE, C. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Tradução: Antonio A. S. Zuin et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

## A Relação Da Juventude Com o Ensino de Ciências Sociais: Perspectivas e Projetos Na Busca Por Uma Educação Emancipadora

<sup>20</sup>Pedro Antonio da Silva Barbosa

Luiz Felipe da Silva Benevides

Rayssa Souza Balzana

O projeto de pesquisa "A Relação Da Juventude Com o Ensino de Ciências Sociais: Perspectivas e Projetos Na Busca Por Uma Educação Emancipadora", busca compreender de forma crítica e analítica sobre a relação da juventude, enquanto categoria sociológica, e sua relação com o ensino de Ciências Sociais.

Através dessa pesquisa propõe-se discutir sobre o jovem dentro da sala de aula, e de que maneira podem-se desenvolver saberes e práticas docentes que viabilizem e criem sobre esse sujeito uma interpretação mais positiva, levando em consideração vivências e experiências, que possam agregar ainda mais na construção de uma educação emancipadora. Para tal utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, seguida por uma análise e discussão feita pelo grupo de autores, os quais se baseiam nas aulas da disciplina de Estudos Socioantropológicos da Juventude

Atualmente, existem inúmeros desafios os quais a juventude tem que enfrentar no cotidiano, principalmente no contexto escolar, onde as questões são mais severas e necessitam de um aprofundamento sobre as problemáticas que vão surgindo. De um ponto de vista sociológico, busca-se enfatizar a juventude enquanto uma categoria que possui muitas diferenças que precisam ser melhor contextualizadas, como por exemplo suas relações com a escola. Mas essa categoria sociológica possui muitas características próprias, que dão um tom de singularidade para os que a constituem, dentre as quais podemos até destacar:

As distintas condições econômicas nas quais os estudantes estão inseridos, como trabalho e renda familiar, mas também seus diferentes pertencimentos socioculturais, como o religioso, o étnico e a escolaridade dos pais" (Silva. et al, 2021, p.148).

No contexto educacional, é possível perceber ainda práticas, formas e conteúdos tradicionais, principalmente do Ensino Médio, onde este modelo é questionável, já que pode não atender as demandas atuais. No texto de Maria Aida e

<sup>20</sup> Alunos de licenciatura do Colégio Pedro II do curso Ciências Sociais

Joana Elisa, as autoras criticam duramente a pedagogia tradicional, que é ensinada em sala de aula, pois esse tipo de pedagogia não leva em consideração a construção de uma aprendizagem significativa, onde o aluno que é o portador de conhecimento. Ou seja, ainda existem professores que insistem em transmitir em sala de aula uma didática que para os alunos é ineficaz, e que demonstra com clareza que a aprendizagem está longe de ser concreta e objetiva.

O que infere tanto no ensino-aprendizagem quanto na vida dos jovens, já que o Ensino Médio pode ser um dos fatores que possuem desigualdades sociais entre a juventude. Os dados do IPEA demonstram como o nível de escolaridade influencia na diferença salarial. Segundo a pesquisa do Ipea, “retorno salarial de jovens com ensino médio completo oscila de 11% a 20%”, mostrou que os jovens que possuem o Ensino Médio Completo recebem R\$5,40 por hora trabalhada e 7,5% a mais daqueles que não finalizaram o ensino, sendo demonstrada na pesquisa o quanto que a educação hoje para muitos jovens é extremamente desigual. Se formos olhar para a juventude por um caráter de classe, existem uma definição bem objetiva, que é:

Tende a observar a juventude enquanto reflexo das diferentes particularidades das classes sociais de determinada sociedade e opõe-se à noção da juventude enquanto fenômeno unitário ou fase de vida, considerando-a uma construção derivada de variáveis sociais, políticas e econômicas. Assim, a cultura juvenil também é cultura de classe, uma vez que se observa nas práticas dos jovens resistências inexoráveis às suas condições sociais e diferenças culturais” (Silva et al,2021, p.150).

Desse modo, ainda falando sobre a questão da educação, além do recorte de classe, podemos estabelecer uma análise a partir do gênero e da raça. Na questão de gênero, segundo um levantamento feito pela Agência Gov, meninas e mulheres representam 49,4% (23,4 milhões) das matrículas de educação básica no Brasil, de acordo com o Censo Escolar 2023. Além disso, ainda em 2023, 2,4 milhões de docentes atuaram na educação básica, sendo do total 79,5% (1,9 milhões) sendo mulheres. Ou seja, nos últimos anos tem sido expressivo o interesse e o aumento de mulheres dentro do contexto educacional, o que é muito importante no que se refere à igualdade de gênero.

Falando mais especificamente sobre raça, os marcadores não são tão favoráveis. Segundo um levantamento feito pelo Observatório da Branquitude, uma organização que estuda as desigualdades no Brasil, mostrou que escolas públicas em que a maioria dos estudantes é negra possui uma estrutura pior do que as unidades

em que a maioria das matrículas é de estudantes brancos. Ao todo, foram identificadas 12.376 escolas com maioria branca e 21.992 predominantemente negras. Apesar desse número ser bastante animador, em muitos quesitos a escola deixa a desejar, principalmente no quesito da infraestrutura, fundamental para garantir uma melhor qualidade de ensino para o aluno.

Já partindo para as considerações finais, após analisarmos o contexto em que a educação brasileira se encontra, é muito importante compreender essas diferenças e particularidades dentro desse contexto. Mas como isso ajuda a construir uma educação libertadora e emancipadora para a juventude? Para responder a essa pergunta, podemos tomar como base a Sociologia, que é uma ciência que produz um conhecimento sobre o mundo social contemporâneo e nos fornece elementos para compreender a juventude em um olhar mais amplo e objetivo.

Sendo assim, é fundamental que a escola cumpra seu objetivo enquanto instituição, fornecendo um meio adequado para o jovem se desenvolver socialmente e individualmente, criando uma relação de empatia e de bem-estar, promovendo um olhar mais cauteloso e mais humano para o aluno, aquele que faz parte do processo de ensino e de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Juventude; Educação; Sociologia; Classe; Emancipação.

## Referências

- ALCÂNTARA, M. C.; FIGUEIREDO, C. Pesquisa mostra que escolas com maioria de alunos negros têm infraestrutura pior. 2024. Disponível em:  
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pesquisa-mostra-que-escolas-com-maioria-de-alunosnegros-tem-infraestrutura-pior/>. Acesso em: 7 set. 2024.
- ALVES, M. A. S.; ROWER, J. E. Narrativas de si no espaço escolar, juventudes e ensino de Sociologia. *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*, v. 2, n. 2, p. 95-108, jul./dez. 2018.
- DA SILVA, L. F. S. Retorno salarial de jovens com ensino médio completo oscila de 11% a 20%. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea*, 24 fev. 2023. Disponível em:  
<https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/13537-retorno-salarial-de-jovens-com-ensino-medio-completo-oscila-de-11-a-20>. Acesso em: 7 set. 2024.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Ministério da Educação divulga panorama das mulheres na educação básica. Agência Gov, 8 maio 2024. Disponível em:

# VI Congresso Nacional da Abecs

## 05 a 08 novembro de 2024 | UFMG

292

<https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202403/saiba-mais-sobre-o-panorama-das-mulheres-na-educacao-basica>. Acesso em: 7 set. 2024.

NETA, R. V. dos S.; MELO, R. A. de. Relações entre juventudes, escola e o ensino de Sociologia em escolas baianas do ensino médio. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, São José dos Pinhais, v. 16, n. 9, 2023.

SILVA, C. A. F. da; JUNQUEIRA, M. P.; SILVA, G. G. G. de B. Juventude e Sociologia no Ensino Médio: origens sociais, representações estudantis e possibilidades de ensino. *Teoria e Cultura*, v. 16, n. 2, set. 2021. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFJF.

TEIXEIRA, R. G.; OLIVEIRA, A. D. de. Juventudes e ensino de Sociologia: um diálogo necessário. *Revista Café com Sociologia*, v. 2, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2020.

## Olhos para ver e boca para punir: a escola básica como espaço de violência simbólica

Raíssa Maia Bacos<sup>21</sup>

O presente trabalho busca analisar a relação de violência simbólica em duas escolas acompanhadas em bairros de periferia da cidade de Juiz de Fora- MG. No entanto, é feito um breve apanhado histórico a respeito da pouca participação popular na política e propor uma intervenção para estas relações que estão postas no ambiente escolar de ambos os espaços analisados. O objetivo é elucidar, principalmente, as relações de violência que Charlot (2002) chama de violência *da* escola. Estas são naturalizadas neste espaço e, muitas vezes, confundidas com manutenção da ordem. Charlot (2002), portanto, destaca três tipos de violência e nomeia como violência *na* escola, violência *à* escola e violência *da* escola. Aqui, trabalharemos, principalmente, com a última a partir da observação participante.

A instituição, como responsável pela formação social do cidadão, se mostra como um espaço de reprodução de opressão, principalmente por parte da escola, com o silenciamento constante de suas vozes ou formas de expressão.

As regras impostas, sem o devido trabalho de conscientização a respeito da existência, promove entre os estudantes o sentimento de burla-las a qualquer custo. A falta de referência na instituição como um espaço democrático e verdadeiramente participativo, pertencente aos sujeitos analisados, pode ocasionar na evasão escolar, excesso de pedidos de transferência e/ou até baixo rendimento na parte pedagógica.

Afinal, qual é o real papel da escola? Até que ponto as identidades dos estudantes são ou não respeitadas? Como bem elabora Dubet (2004), o que é uma escola justa? A participação ou não dos estudantes nos processos decisórios pode impactar em seus respectivos rendimentos escolares?

Autores como Dubet (2004) e Charlot (2002) são nomes principais para debater a questão da violência na escola em todos os aspectos que esta pesquisa se propõe,

<sup>21</sup> Mestranda no ProfSocio- Universidade Federal de Juiz de Fora e professora de Sociologia na SEE-MG.

pois as faces que o tema se manifesta são múltiplos e exigem um caráter cuidadoso para não cometer injustiças nas análises.

A escola, em sua essência, é um espaço de marcação de poder e hierarquização das relações. Por sua vez, é preciso identificar as consequências desta verticalização entre os funcionários da escola (professores, equipe gestora, funcionários terceirizados) e os estudantes. Ao que se apresenta ao longo destes anos de observação é que existe uma informal rivalidade entre adolescentes x adultos e estes adultos reproduzem as relações de opressão que sofreram no período de sua permanência na escola enquanto estudantes.

É importante diferenciar as relações autoritárias das relações de autoridade que se compõem na escola. A construção de autoridade, a partir da proposta de intervenção existente nesta pesquisa, vem de um processo de conscientização das funções tanto de estudantes quanto de funcionários. Entretanto, esbarramos com a fluidez que são as relações sociais e precisamos acolher as influências culturais de cada grupo ou até mesmo de cada indivíduo ao lidar com algo que modifica um formato de relações, muitas vezes, já cristalizado.

Como proposta de intervenção, serão trabalhadas diversas oficinas a respeito das interações sociais e de formação de um grêmio estudantil, em que será possível a elaboração do desenvolvimento democrático e mais participativo dos estudantes na construção do ambiente escolar.

A intervenção de formação do grêmio estudantil vem com o intuito de dar luz a um movimento já existente entre estudantes desde os anos 1930 e vem se enfraquecendo nos últimos anos. A desmobilização dentro do espaço escolar também é resultado de um desinteresse de questões políticas fora da escola.

## Referências

- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, n. 8, p. 432–443, 2002.
- DUBET, F. O que é uma escola justa? *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 123, p. 539–555, 2004.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS – UBES. *História*. Disponível em: <https://www.ubes.org.br/memoria/historia/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

### Temas sensíveis na Educação Básica: Algumas considerações para sua abordagem pela Sociologia Escolar

Raquel Almeida Moreira<sup>22</sup>

O presente resumo apresenta um recorte das investigações iniciais que permeiam nosso projeto de pesquisa de Mestrado, atualmente em andamento, que visa a produção de um material didático que possa contribuir para a prática pedagógica de educadoras e educadores que intencionem abordar temas considerados difíceis, sensíveis e desafiadores nas aulas de Sociologia, no contexto da Educação Básica.

Nesse sentido, procedeu-se à investigação acerca de como a escola e a Sociologia Escolar, têm contemplado temas outrora referidos como “tabus sociais” e que atualmente podem ser encontrados, nas diversas áreas de conhecimento, por nomenclaturas como: difíceis, sensíveis, vivos, desafiadores e polêmicos. Observou-se que outras disciplinas – institucionalizadas bem menos tardivamente que a Sociologia – como a História, há muito já se propõem a investigar os desafios que permeiam a abordagem de temas sensíveis, bem como a função social desta disciplina na escola.

Tais considerações podem ser observadas, por exemplo, nas pesquisas de Carmem Zeli de Vargas Gil e Jonas Camargo Eugênio (2018), que dentre outros aspectos, destacam que apesar dos ataques que por vezes sofrem as(os) educadoras(es), é sabido “que a educação voltada para o exercício da cidadania ativa impõe, necessariamente, o estudo de temas sensíveis e controversos que ultrapassam a mera inclusão dos problemas do tempo presente[...]” (Gil, Camargo, 2018, p.143).

As pesquisas em andamento parecem indicar que, apesar dos inúmeros desafios que se impõe à sua implementação na práxis escolar, temas desafiadores têm aparecido com maior frequência nas produções acadêmicas e até mesmo na própria literatura infanto-juvenil recente que tem, na contramão da tradicional, se voltado para a abordagem cada vez mais crescente de temas incômodos. Neste contexto, tais temas que usualmente estavam restritos ao público adulto, têm sido chamados também de “fraturantes”, como cunhou a pesquisadora portuguesa Ana Margarida Ramos.

<sup>22</sup> Professora da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Mestranda do ProfSocio – Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

Apesar da Sociologia produzida na academia se debruçar sobre uma infinidade de temas que podem se enquadrar no que se entende como difíceis, bem como a própria problematização do que seria efetivamente um tema difícil – Por que? Difícil para quem? Em qual contexto? – também lhe seja algo inerente; observa-se que a princípio as pesquisas ligadas ao ensino de tais temas no âmbito da Sociologia Escolar, tendem a se ater à temas específicos, não à sugestões e diretrizes mais amplas para a abordagem de qualquer tema desafiador, a exemplo do supracitado a respeito da disciplina História. Ademais, o levantamento bibliográfico sugere, no que tange a associação do ensino de Sociologia com temas tabus, que os resultados tendem a ser majoritariamente sobre questões de gênero e sexualidade, e em menor medida sobre drogas ou Religião.

Acerca deste último tema, podemos citar a pesquisa de Fabrício Roberto Costa Oliveira e Mauro Rocha Baptista (2023), que se propuseram a investigar a perspectiva das(os) próprias(os) educadoras(es) acerca dos desafios encontrados em sua abordagem pela disciplina de Sociologia, que é ainda hoje, frequentemente alvo de desvalorização, ameaças e questionamentos. Os autores (2023, p. 8) evidenciam como as(os) professoras(es) encontram-se portanto em um contexto no qual têm que lidar diariamente com conflitos, com a própria necessidade de evidenciar a importância da Sociologia na vida da(o) estudante, bem como destacam que além disso, “debates nas escolas sobre questões como religião, raça, gênero, desigualdades e outros temas fundamentais à sociologia encontraram sérios limites de aceitação”.

Mediante a percepção de que inúmeros são os desafios que se impõem ao debate acerca de temas sensíveis nas aulas de Sociologia, apesar dela ser lócus privilegiado para a abordagem científica e crítica de tais temas, o levantamento bibliográfico da presente pesquisa também está voltado para os aparatos legais que subsidiam a abordagem deles no contexto escolar, tais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os “Temas Transversais”, também denominados como Temas Contemporâneos Transversais (TCTs), que curiosamente pretendem-se contemporâneos, quando na verdade carregam um lamentável retrocesso no que se refere à retirada do termo “orientação sexual”, que já figurava neles desde os Parâmetros Curriculares Nacionais, do ano de 1996, quando havia apenas seis eixos.

Atualmente ampliados para quinze temas, distribuídos em seis macro-áreas, nota-se que neles não constam os termos “orientação sexual” e “gênero”, este também suprimido da BNCC, em decorrência de interesses de grupos conservadores que, como podemos observar na vergonhosa “reforma da reforma” do “novíssimo” Ensino Médio, cada vez mais vem exercendo sua influência sobre elementos fundamentais da educação brasileira. Em um país em que repetidamente ignoram-se as recomendações e demandas daquelas(es) que fazem e estudam o contexto da educação, e é o setor empresarial que orquestra grandes – sucateamentos – mudanças na Educação Básica, torna-se evidente porque a Sociologia e o ensino acerca de temas que problematizam convenções morais vigentes, são alvos de tantas ameaças.

Mediante a intenção de investigar como a Sociologia Escolar tem se estabelecido frente a estes e tantos outros desafios que se impõem à abordagem de temas desafiadores, as conclusões parciais a que nossa pesquisa tem nos conduzido, parecem indicar que para além de se amparar em uma educação voltada para os Direitos Humanos, pesquisas sobre a Sociologia Escolar também têm, neste contexto, se debruçado sobre a necessidade de se abordar a temática da violência.

Embora nem todos os temas considerados tabus estejam ligados à alguma forma de violência, estudos no âmbito da Sociologia da Violência e das Conflitualidades, como os realizados por Amurabi Oliveira e Rosimeri Aquino da Silva (2020) têm, em nossa concepção, contribuído enormemente para o debate. Ao destacar a importância da centralidade da temática da violência no currículo de Sociologia, é evidenciado como (2020, p. 237) o ensino de Ciências Sociais “lida com um duplo desafio no nível epistemológico e didático: pois ao mesmo tempo em que introduz o debate acerca de tais temáticas”, as questões ligadas à violência em si “também aparecem como pano de fundo das aulas, na medida em que remetem à realidade imediata dos estudantes”.

Tendo em vista que o Ensino Regular constitui-se no segmento educacional para o qual, a priori, intencionamos destinar o material pedagógico a ser produzido, é portanto, imprescindível abranger investigações acerca da juventude em nossas pesquisas, a exemplo dos profícios debates proposto por Juarez Dayrell acerca da multiplicidade de dimensões do que é ser jovem no Brasil atual e das complexidades e tensões que permeiam seus igualmente múltiplos processos de socialização. Nesse contexto, o autor

nos alerta sobre a importância da escuta e do diálogo com as(os) jovens, para não incorrer, por exemplo, no equívoco de basear nossa proposta político-pedagógica “em uma leitura própria que os professores fazem da realidade e dos problemas vividos pelos jovens alunos, mas sem considerá-los, eles que seriam os principais beneficiários, como interlocutores válidos no processo da sua elaboração.” (Dayrell, 2007, p.1124).

Intencionamos para tal, pesquisar também, para além de autoras(es) mais reconhecidas(os) como as(os) elencadas(os) aqui, aquelas(es) professoras(es) que compartilharam suas experiências, suas perspectivas didático-metodológicas e reflexões acerca do ensino de temas difíceis no contexto da Sociologia Escolar. Tal intento decorre da concepção de que tal qual os clássicos, conhecer, difundir e aprender também com a experiência de quem está em sala de aula, é do mesmo modo, imprescindível para um debate que é essencialmente dialógico, posto que é dessa troca de saberes e experiências, que será viável propor um material que possa contribuir de alguma maneira para subsidiar e inspirar as práticas pedagógicas de educadoras(es) que não se isentam de abordar temas difíceis nas aulas de Sociologia. Tal material será pautado pela pedagogia histórico-crítica de Demerval Saviani, na pedagogia engajada de bell hooks, na dialógica de Paulo Freire, dentre outras inspirações.

Pois afinal, talvez elas(es) o façam, mesmo frente a tantas dificuldades, dentre outras motivações, por perceber como nós, que dentre os temas sensíveis e pouco abordados, há alguns que tratam de aspectos que colocam em risco a dignidade humana das(os) alunas(os) de tal maneira, que configuram-se em fatores que ameaçam efetivamente suas próprias vidas. De modo que, como um nome a mais no já demasiadamente extenso rol de nomenclaturas destinadas à tais temas, como elencamos aqui; poderíamos acrescentar que para além de sensíveis e difíceis, alguns temas – como aborto, estupro, automutilação, suicídio, dependência química, dentre diversos outros – são pois, na verdade, temas urgentes.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia, Sociologia Escolar, Temas sensíveis, Tabus.

## Referências

- DAYRELL, J. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.
- GIL, C. Z. de V.; CAMARGO, J. Ensino de História e temas sensíveis: abordagens teórico-metodológicas. *Revista História Hoje*, v. 7, n. 13, p. 139-159, 2018.

OLIVEIRA, F. R. C.; BAPTISTA, M. R. Os desafios da temática de Religião no Ensino de Sociologia: uma perspectiva das professoras e professores. *Atos de Pesquisa em Educação*, [S. l.], v. 18, 2023.

SILVA, R. A. da; OLIVEIRA, A. A Sociologia das Conflitualidades na Educação Básica. *Debates em Educação*, [S. l.], v. 12, n. 28, p. 232–244, 2020.

## Intervenções Pedagógicas nas aulas de Sociologia na Educação Básica em Parauapebas/PA: desafios da rotina escolar da juventude de periferia na “Capital do Minério”

Thaize Bianca Figueiredo de Souza<sup>23</sup>  
Tiese Rodrigues Teixeira Junior<sup>24</sup>

A cidade de Parauapebas, no Pará, destaca-se mundialmente como um dos maiores centros de extração de minério, principalmente ferro, cobre, bauxita entre outros. Por esse motivo, não só na Amazônia, mas por muitos a cidade é conhecida como “Capital do minério”.

O presente trabalho destaca as atividades extracurriculares, que abordam a Sociologia, relacionando-a aos impactos sociais da mineração na região de Parauapebas/PA, assim como busca identificar possíveis desafios que afetam no processo de ensino-aprendizagem dos discentes da rede estadual, além de elementos da formação de uma identidade dessa população que hoje compõe o ensino médio, na segunda série do ensino médio regular, que dada a emancipação recente do município de Parauapebas, constituem na maioria dos casos como a primeira geração em suas respectivas famílias de nascidos na cidade.

Esse estudo reafirma que a dinâmica da escola, assim como a maneira como o docente comprehende e direciona o ensino de sociologia transforma não só a visão do discente quanto ao componente curricular, mas também amplia a possibilidade de produção de conhecimento conforme aponta Handfas, *et al.* (2012).

Seguindo esse viés de provocação da curiosidade do aluno e a possibilidade de produção de conhecimento SÁ (2000) destaca que os sujeitos da pesquisa passam por um processo de aprendizagem polissêmico, em que há um caminho além do “conhecer por conhecer”, pois considera o imaginário social como elemento essencial tanto para dar sentido quanto para formar uma identidade de indivíduos conscientes da sua realidade e com senso crítico para compreender o mundo a sua volta.

<sup>23</sup> Professora de Sociologia ( Secretaria de Estado de Educação do Pará, Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino de Sociologia- PROFSOCIO), Bolsista de Produtividade do CNPq, Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará

<sup>24</sup> Docente da Faculdade de Ciências da Educação da UNIFESSPA ( Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará- UNIFESSPA) e Doutor em Ciências pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará

Esse estudo portanto, não pretende apontar um modelo de ensino de Sociologia na educação básica, porém pretende fazer reflexões sobre as experiências observadas no ensino médio regular da rede estadual de ensino do Pará, pela primeira vez, inteiramente sob os moldes curriculares da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em um contexto social de uma escola com vulnerabilidades e potencialidades a serem identificadas.

A revisão bibliográfica foi feita para evidenciar o ensino conceitual da Sociologia, orientando a produção de conhecimento e novos conhecedores. A coleta de dados, ocorreu com alunos da segunda série do ensino médio da rede estadual, na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Luís Magno de Araújo, escola periférica, cujo público, na maioria dos casos é composto pelos filhos da classe operária da região de mineração.

Os sujeitos da pesquisa foram selecionados entre os alunos com perfil de vulnerabilidade social, regularmente matriculados na segunda série do ensino médio na escola supra-citada. A abordagem feita se deu ao decorrer dos meses de maio e junho do ano corrente, a partir da participação dos sujeitos nas aulas de Sociologia, com intervenções pedagógicas elaboradas a partir de aulas expositivas de conceitos sociológicos, aula de campo com visitação da área de exploração mineral, na Serra de Carajás, além da leitura de autores que tratam sobre o processo de formação histórico-social do município e de literatura amazônica.

Entende-se a partir de Franco (2012) que as intervenções pedagógicas são ferramentas importantes, dotadas de intencionalidade que propõe uma ou mais ações conscientes e participativas para orientar a formação contínua e dialética de um sujeito que possa pensar a realidade social que o cerca. Neste sentido, as intervenções visavam estimular a criatividade e o senso crítico, a partir da base conceitual de Sociologia e leitura de produções de autores amazônicas.

A elaboração das intervenções iniciaram no mês de março desse ano, a partir da possibilidade de visitação da Floresta Nacional de Carajás, cujo acesso é restrito, em razão da exploração de minério de ferro e outros metais. A partir disso, foram pensados encontros com os alunos, durante o calendário letivo para em primeiro

momento os alunos conhecessem o processo de formação histórica e social do município de Parauapebas.

A temática amazônica dentro da educação básica ainda é pouco trabalhada a partir do estímulo a leitura de autores da própria região, como observado por Teixeira Jr (2022). Nesse sentido, há um risco de não dar a oportunidade dos sujeitos da pesquisa para perceber a realidade social a sua volta e refletir criticamente sobre esse contexto.

Foram observados maior curiosidade e interesse em conhecer a formação histórica e social do município, sobretudo após a autorização da mineradora da região autorizar a visitação da Floresta Nacional de Carajás, onde há áreas de exploração de diversos minérios com manganês, cobre e ferro. Isso, reforça a ideia de Hall (2003) quanto a importância da cultura e das representações na construção de uma identidade e na produção de conhecimento.

Os alunos foram incentivados a produzir após a aula de campo, materiais iconográficos como vídeos, fotos e comunicações orais que comporaram uma mostra científica que ocorreu na Escola Estadual de Ensino Médio Professor Luís Magno.

A intervenção pedagógica realizada demonstrou ser válida no sentido de incentivar a curiosidade do alunado, a pesquisa, a inclusão de pares nem sempre óbvios, sobretudo na valorização do próprio contexto social que os cerca. Ademais, não é comum em Parauapebas, no ensino médio que sejam trabalhados em sala de aula autores amazônicos de modo a facilitar a aprendizagem de conteúdos curriculares do ensino médio.

Podemos observar que o uso de autores amazônicos facilitou a aprendizagem, haja vista que a mostra científica demonstrou muito empenho, interesse e esforço por parte dos sujeitos da pesquisa em apresentar os resultados das produções. A satisfação e o entusiasmo nas apresentações corroboram para a polissemia do contexto escolar Sá (2000).

A cultura, conforme Hall (2003) mostra-se como elemento compartilhado que influencia na produção de conhecimento e identidade. Neste sentido, essa intervenção se mostrou de grande relevância para a compreensão cultural.

Os “desacreditados” Goffman (1980), produziram ciência, apesar de todas as limitações pessoais e institucionais. O que nos traz uma perspectiva de possibilidades

e descobertas no contexto escolar que se mostram eficientes pela insistência, resistência daqueles que acreditam em uma aprendizagem significativa com valores humanos e sociais.

**Palavras-chave:** Sociologia, Ensino, Juventude

## Referências

- FRANCO, M. A. do R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 97, n. 247, p. 534–551, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- GARCIA SALES, B. A.; AMORIM E SÁ, S. M. Imagens artesanais e percepções ambientais: etnografia com jovens escolares em uma região do entorno do Parque Estadual do Utinga (Pará, Brasil). *Cuadernos de Antropología Social*, v. 47, p. 123-141, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180955946008>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HANDFAS, A.; MAÇAIRA, J. P. Formação dos professores de Sociologia: um debate em aberto. In: HANDFAS, A. (Org.). *Dilemas e perspectivas da Sociologia na Educação Básica*. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.
- HARVEY, D. *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MARCUSE, H. *Tecnologia, guerra e fascismo*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1999.
- SÁ, S. M. de A. O imaginário social sobre a Amazônia: antropologia dos condecorados. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 6, supl., p. 889–900, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-5970200000050007>. Acesso em: 21 jul. 2025.
- PARÁ. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARÁ. *Documento Curricular do Estado do Pará – Etapa Ensino Médio*. Vol. II. Belém: SEDUC/PA, 2021.
- SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- SEN, A. *Desenvolvimento como liberdade*. Tradução: Laura Teixeira Motta. Revisão técnica: Ricardo Doninelli Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- TEIXEIRA JÚNIOR, T. Ditos e escritos sobre os estudos amazônicos, no ensino básico, do estado do Pará. *Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)*, v. 4, n. 7, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7642>. Acesso em: 2 jul. 2024.

## O Impacto das Mídias Sociais na Formação Educacional e Subjetiva dos Jovens

Norman Joshua Silva Mucave<sup>25</sup>

Victor Polizello<sup>26</sup>

Nas discussões sobre juventude, educação e escola, é frequentemente abordado o aumento do distanciamento dos jovens com as instituições formais de ensino, e as dificuldades que apresentam diante as práticas pedagógicas e didáticas dos profissionais da educação. Sabendo que este problema surge de múltiplas relações de causalidade, este estudo se atém a discutir em especial as relações que as plataformas digitais, e mídias sociais tem na vida estudantil dos jovens, além de, compreender como as interfaces do universo digital influenciam no desenvolvimento educacional e formação subjetiva desses sujeitos.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2023 mais de 90% dos jovens entre 14 a 29 anos acessaram ou acessam as redes sociais, número maior do que a taxa de conclusão do Ensino Médio em 2021, segundo o Atlas da Violência. Estes dados refletem a inserção da tecnologia na realidade material da juventude, tanto dentro, quanto fora das instituições educacionais. Surge assim, a constante necessidade em refletirmos sobre a relação entre as redes sociais, os sujeitos e os espaços educacionais.

Imaginar o ingresso das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na realidade material dos jovens é pensar também como as Tic's se inserem na realidade educacional. A inserção dos instrumentos digitais nos espaços escolares não reflete necessariamente um avanço do universo digital no espaço escolar, considerando as distâncias entre as plataformas virtuais de educação e as mídias sociais, que como visto estão quase que intrínsecas à vida dos jovens. O uso de aparelhos digitais nas salas de aula, não é capaz de adentrar aos universos pessoais que os estudantes vivem em seus smartphones e redes sociais.

<sup>25</sup> Graduando no curso de Ciências Sociais – Licenciatura, Universidade Federal de Alfenas – MG.

<sup>26</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alfenas – MG.

A profundidade que as plataformas e mídias digitais se inseriram na vida do jovem é inegável, sendo parte da cultura juvenil. Considerando a escola com uma instituição social voltada a juventude e sua formação para vivência em sociedade, esta não pode se ver a parte da cultura jovem, como diz Candau (2008, p. 16), “as questões culturais não podem ser ignoradas pelos educadores e educadoras, sob o risco de que a escola cada vez se distancie mais dos universos simbólicos, das mentalidades e das inquietudes das crianças e jovens de hoje”. Partindo da reflexão de Candau, os universos simbólicos e inquietudes não podem ser ignoradas pelas instituições educacionais, à medida que o digital se totaliza no cotidiano juvenil, se torna cada vez mais influente na formação da subjetividade destes jovens.

Refletir sobre o dado de uso das redes sociais e conclusão do ensino médio, bem como dados sobre a evasão, nos faz pensar a importância em compreender como a presença dos jovens nas redes sociais se sobrepõe a presença dos mesmos nas instituições de ensino.

O avanço da sociedade capitalista reduziu a percepção da realidade a partir das formas existentes, “tarefa cumprida com êxito pela indústria cultural, que molda o mundo a ser apresentado segundo as conveniências de seus patrocinadores” (CROCHÍK, 2010, p. 34), o avanço da ciência, dos mecanismos estatais, e da burocratização, fez com que o pensamento fosse “reduzido à matemática, a fórmulas, a estereótipos” (CROCHÍK, 2010, p. 34). A regressão da cultura e a racionalidade da sociedade, faz com que a crítica não se aproxime do objeto, dificultando o reconhecimento do sujeito na cultura, afetando, consequentemente, seu processo subjetivo. Processo subjetivo este que na vida dos jovens é construído sob grande influência do universo digital, principalmente as redes sociais concentradas nas *big techs* (Instagram, Facebook, Twitter, WhatsApp e TikTok).

Os jovens nas redes sociais buscam de forma subjetiva se projetar enquanto sujeitos, sendo o espaço digital no qual se apresentam aos demais. Construindo suas personalidades através representações etéreas, consomem conteúdos de vidas artificiais e consequentemente produzem também representações artificiais de si mesmos a fim de se tornarem influentes e percebidos.

O sociólogo alemão Christoph Türcke, atenua como desenvolvimento do estado capitalista, e o avanço dos meios de comunicação, transformaram a relação do sujeito consigo mesmo e com a sociedade (através das propagandas desenfreadas e o massacre de notícias cotidianas), reconstruindo o que é ser percebido perante a nova realidade digital, segundo o autor “ter um perfil consumidor digno de nota significa ser alguém. Quem nem mesmo consegue fazer-se percebido para ter um tal perfil simplesmente não conta: não é ninguém” (TÜRCKE, 2010, p. 41). Neste novo espectro, a subjetividade do sujeito se esvazia em um processo dialético, no qual o seu esvaziamento, é também seu preenchimento a partir da cultura exterior a ele, “que, por sinal, tanto mais fiel à realidade fica quanto menos a individualidade se diferencia de padrões de consumo” (TÜRCKE, 2010, p. 41).

Considerando a reflexão acima, o que o sujeito busca nas plataformas não é, na verdade, nem a informação ou o diálogo, mas sim serem percebidos em sociedade. A quantidade de usuários presentes, bem como as representações simbólicas transpassadas através da comunidade e pelos *influencers*, faz com que os mesmos se sintam participantes deste universo e suas representações. Segundo Debord:

“a alienação do espectador em proveito do objecto contemplado (que é o resultado da sua própria actividade inconsciente) exprime-se assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos ele comprehende a sua própria existência e o seu próprio desejo. A exterioridade do espectáculo em relação ao homem que age aparece nisto, os seus próprios gestos já não são seus, mas de um outro que lhos apresenta” (DEBORD, 2005 p. 19)

Através desta ótica, fica claro que o advento das tecnologias digitais no espaço escolar, ao invés de aproximar os jovens das instituições formais de ensino, tem potencialmente acentuado o distanciamento desses estudantes. Enquanto as mídias sociais se consolidam como elementos centrais na formação da subjetividade juvenil, a escola, muitas vezes, falha em integrar essas novas realidades digitais de maneira significativa. O uso de tecnologias em sala de aula não é suficiente para captar a atenção dos jovens, que já estão profundamente inseridos em universos digitais complexos e altamente personalizados. Assim, há um risco crescente de que as escolas se tornem espaços cada vez mais desconectados das vivências e necessidades culturais dos alunos, resultando em uma maior evasão escolar e uma

formação educacional superficial, que não dialoga com as profundas transformações culturais e sociais que moldam a juventude contemporânea.

Este estudo é justificado pela necessidade em compreender como as tecnologias digitais, especialmente as redes sociais, estão moldando a formação subjetiva e educacional dos jovens. Diante de dados alarmantes sobre a alta adesão dos jovens às redes sociais e a baixa taxa de conclusão do ensino médio, torna-se crucial analisar as implicações dessa dinâmica para o sistema educacional. A falta de uma integração crítica e significativa entre as práticas pedagógicas e os universos digitais dos jovens pode não apenas contribuir para o aumento do distanciamento entre alunos e escola, mas também perpetuar uma formação educacional que ignora as realidades culturais e sociais dos estudantes.

**Palavras-chave:** Educação, Formação Subjetiva, Juventudes, Redes Sociais.

## Referências

- BARÃO, M. et al. Vozes das Juventudes: Atlas das Juventudes e TALK. Abril, 2021.
- CANDAU, V. M. Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CROCHÍK, J. L. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. Psicologia USP, v. 21, n. 1, p. 31–46, jan. 2010.
- DEBORD, G. A sociedade do espetáculo. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNAD Contínua: tecnologia da informação e comunicação – 2019/2022/2023. Estatísticas Sociais, 2024.
- TÜRCKE, C. Sociedade excitada: filosofia da sensação. Tradução: Antonio A. S. Zuin et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

### “Diálogos Contemporâneos das Juventudes”: explorando o componente curricular eletivo e suas possibilidades de aprofundamento de conceitos sociológicos

Vanessa Souza Pereira<sup>27</sup>

O objetivo do trabalho é apresentar o conjunto de decisões e estratégias pedagógicas utilizadas para desenvolver a disciplina eletiva “Diálogos Contemporâneos das Juventudes” do Novo Ensino Médio (NEM) do currículo da rede estadual de Santa Catarina. Em um contexto de reestruturação curricular, mudanças na configuração das disciplinas do Ensino Médio, alterações de carga horária e formato, essa foi uma das disciplinas da parte optativa do currículo a serem ministradas por professores da área de Ciências Humanas. Assim, este trabalho pretende sintetizar as decisões sobre conteúdos, metodologias, dinâmicas e avaliações do componente curricular, a fim de estabelecer um diálogo a respeito dos movimentos necessários para adaptação às novas estruturas curriculares, sem perder de vista os objetos do conhecimento da Sociologia.

No trabalho serão apresentados os objetivos do componente curricular, os objetos do conhecimento trabalhados, algumas das dinâmicas utilizadas para desenvolver os conteúdos, as avaliações realizadas e as autoavaliações dos estudantes sobre o processo, além de uma reflexão sobre as mudanças realizadas a cada ano letivo e as configurações do Novo Ensino Médio em Santa Catarina nos últimos três anos.

A escola onde se desenvolveram as atividades relatadas está localizada em uma área periférica de Palhoça, município da Grande Florianópolis. A construção do plano de ensino do componente curricular na escola levou em consideração a proposta curricular catarinense e os interesses dos estudantes das turmas envolvidas (todas de 1º ano do NEM). Uma das estratégias para a tomada de decisão sobre os conteúdos a serem trabalhados foi articular os temas com os conteúdos de Sociologia, que no primeiro ano do Ensino Médio se referem às relações sociais, interdependência, instituições sociais e cultura.

<sup>27</sup> Bacharela e Licenciada em Ciências Sociais, Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), professora da rede estadual de Santa Catarina (SED-SC).

A disciplina “Diálogos Contemporâneos das Juventudes” é um componente curricular do Novo Ensino Médio do currículo catarinense, dentre 52 Componentes Curriculares Eletivos constituídos a partir de pesquisas com jovens e comunidades de 120 escolas-piloto na implantação do NEM em SC (Santa Catarina, 2021). Os estudantes votam as que gostariam de cursar e as mais votadas são semestralmente oferecidas às turmas. Conforme o documento orientador para a construção dos componentes eletivos, “a ideia central do componente é estimular a pesquisa e a discussão aprofundada sobre problemas, desafios e características dos diferentes grupos juvenis, ajudando-os a refletir de forma crítica sobre os estereótipos que a sociedade impõe sobre os(as) adolescentes.” (Santa Catarina, 2021, p. 47). Dessa forma, o componente apresenta possibilidades de reorganização e aprofundamento de objetos do conhecimento de Ciências Humanas, mas, especialmente, da disciplina de Sociologia.

Inicialmente, em 2022, as disciplinas eletivas eram semestrais, com mudança de componente no meio do ano. A partir de 2024, o currículo do NEM em Santa Catarina sofreu modificações referentes à administração da carga horária dos componentes curriculares, adotando o sistema de carga horária presencial (CHP) e carga horária não presencial (CHNP) (Santa Catarina, 2023). Assim, os componentes curriculares eletivos passaram a ser compostos de uma hora/aula presencial e uma hora/aula não presencial, ministrados de forma contínua ao longo do ano, o que demandou novas adaptações.

A disciplina foi desenvolvida nos turnos matutino, vespertino e noturno, com detalhes adaptados a cada turma com suas particularidades. As unidades temáticas e objetos do conhecimento abordados na disciplina ofereceram uma reflexão sobre as complexidades da experiência juvenil na contemporaneidade. A adolescência e as juventudes foram exploradas como fases críticas de formação de identidades, nas quais os jovens constroem suas percepções de si e do mundo, frequentemente influenciados por estereótipos e estigmas sociais (Goffman, 1963). Assim, buscou-se analisar como a perspectiva dramatúrgica de Goffman (1985) pode ser aplicada para entender as interações sociais, os comportamentos e as identidades nas situações do dia a dia.

As relações de gênero e os papéis sociais foram discutidos para entender como as expectativas culturais moldam as vivências dos jovens, enquanto a interseção entre

juventude e violência revela os desafios enfrentados por esses grupos em contextos de insegurança, sobretudo nas periferias urbanas, onde a escola em questão está localizada. A relação entre juventude e trabalho foi analisada à luz das recentes transformações no mercado de trabalho, destacando as novas demandas, oportunidades e desafios para os jovens. Além disso, as culturas digitais e as mídias sociais são temas que aparecem frequentemente em sala de aula e permitem que os estudantes reflitam sobre a confiabilidade da informação, o impacto das fake news e da desinformação, bem como as dinâmicas de interação no espaço virtual. Questões como crimes cibernéticos, ciberbullying e violências online foram abordadas para conscientizar os jovens sobre os riscos e responsabilidades no ambiente digital. Esses temas, interligados, promovem diálogos sobre as realidades contemporâneas que moldam a vida dos jovens, incentivando uma reflexão crítica e engajada.

Os métodos de avaliação se deram a partir de atividades e dinâmicas em aula, cujos conteúdos foram organizados em blocos de conteúdos com parte expositivo-dialogada (presencial) e parte prática e de pesquisa (presencial e não presencial). Quando a disciplina foi trabalhada semestralmente (em 2022 e 2023), foram realizados trabalhos de culminância no final do semestre, como um fechamento da disciplina. Nessas ocasiões, realizamos a construção de campanhas para turmas de 6º a 9º ano com pesquisa sobre os temas trabalhados. A campanha com os estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental consistiu na construção de material informativo e uma apresentação para estudantes mais jovens e também adolescentes, a respeito dos temas e conceitos trabalhados no componente. Os estudantes mais novos foram convidados à sala do 1º ano do Ensino Médio para ouvirem sobre os temas trabalhados a partir da voz de seus pares.

Uma atividade de destaque foi a análise de dados do Atlas da Violência (IPEA, 2023), a partir dos quais os jovens puderam perceber como diferentes populações sofrem os efeitos da violência e como os jovens são especialmente vulneráveis nesse sentido. Para ilustrar as causas do maior número de homicídios entre homens jovens, foi abordada a construção das masculinidades no contexto brasileiro e mundial, por meio de documentários e leituras. Ao longo de toda a disciplina, foi trabalhada a

questão das diversas vulnerabilidades dessa população e a importância do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) para a proteção social da juventude.

Outra atividade em destaque foi a respeito da juventude em outras épocas, a construção da ideia de infância, adolescência e juventude ao longo da história e suas configurações atuais. Para tanto, os estudantes entrevistaram pessoas de diferentes gerações e compararam os dados e narrativas a respeito de como viveram suas juventudes, a fim de analisar como os jovens interagiam em outros momentos históricos e contextos sociais.

Tratando-se de uma disciplina nova no currículo do Ensino Médio, foram necessárias criações e ajustes recorrentes. No entanto, considerando os objetos de conhecimento da Sociologia, houve a possibilidade de reorganizar os temas entre as disciplinas e utilizar a disciplina eletiva como uma oportunidade de desenvolvimento estudos de Sociologia das Juventudes e aprofundamento de temas sociológicos, que, na disciplina da formação geral básica, muitas vezes são trabalhados mais rapidamente, diante de outros temas que são priorizados por estarem mais presentes em avaliações de larga escala. A condução da disciplina permitiu perceber que os estudos sobre as juventudes podem e devem ser feitos também pelas próprias juventudes no espaço escolar e que essa disciplina eletiva se tornou um espaço privilegiado para o desenvolvimento do interesse dos jovens pelas temáticas propostas.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia, Juventudes, Metodologias de ensino-aprendizagem.

## Referências

- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.* Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso em: 5 set. 2024.
- GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana.* Tradução: Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.* Tradução: Mathias Lambert. [S. I.]: [s. n.], 2004. Publicação original: 1963.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA. *Atlas da violência 2023.* Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/250/atlas-da-violencia-2023>. Acesso em: 5 set. 2024.
- SANTA CATARINA. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Curriculum base do ensino médio do território catarinense: Caderno 4 – Componentes curriculares eletivos: construindo*

e ampliando saberes. Florianópolis: Gráfica Coan, 2021. Disponível em: <https://www.sed.sc.gov.br/professores-e-gestores/31692-propostas-curriculares-de-sc-e-curriculo-base-2>. Acesso em: abr. 2023.

SANTA CATARINA. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. *Matrizes do Novo Ensino Médio*. 2023. Disponível em: <https://sites.google.com/sed.sc.gov.br/nem-sedsc/matrizes>. Acesso em: ago. 2024.

## A Escola em Movimento: Inserção de Temáticas Emergentes no Ensino de Sociologia e o Papel das Juventudes

Rafael Neves da Costa<sup>28</sup>  
Vitória Pereira Kaizer<sup>29</sup>

O presente resumo tem por objetivo explorar as novas temáticas exigidas pelas juventudes nas salas de aula, especialmente em resposta às mudanças e movimentos sociais que afetam tanto os jovens quanto a sociedade como um todo. O trabalho é parte de uma pesquisa recém iniciada, a partir do trabalho final de uma disciplina, e tem como metodologia uma revisão crítica da literatura existente e a análise de dados provenientes de relatórios e pesquisas sobre juventude e desigualdade.

É fato que a sociedade contemporânea possui um ritmo acelerado de mudanças, avanços tecnológicos, crises socioeconômicas e novos movimentos sociais e, portanto, exige uma constante reavaliação das estruturas sociais e psicológicas e das instituições. Assim, a escola, enquanto reflexo da sociedade e um guia para a formação dos indivíduos, não é imune a tal necessidade de transformação

Nesse sentido, a inserção de novos temas nos currículos educacionais é uma demanda constante, que reflete as transformações sociais e as exigências contemporâneas por uma educação que esteja em sintonia com os desafios do tempo em que se insere. Contudo, vale ressaltar que a adaptação curricular não acontece de maneira arbitrária, mas alicerçada em teorias e práticas pedagógicas que buscam compreender o papel da educação na formação de sujeitos não somente críticos, mas também conscientes de seu papel e de sua posição na sociedade.

A necessidade de incluir novas temáticas no currículo se torna ainda mais urgente quando consideramos os emergentes debates da sociedade contemporânea, a partir de movimentos sociais como o movimento negro, o movimento indígena, o movimento LGBTQIA+ e o movimento feminista, por exemplo. Logo, fica evidente a necessidade de discutir determinados temas que historicamente foram silenciados e marginalizados nos currículos e no ambiente escolar, como um todo.

<sup>28</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Bacharel em Ciências Humanas e Graduando em Ciências Sociais.

<sup>29</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, Bacharela em Ciências Humanas e Graduanda em Ciências Sociais.

Segundo Arroyo (2013), os estudantes de hoje são outros, são aqueles que há pouco tiveram acesso ao Ensino Fundamental, de setores populares da sociedade e, sendo outros, também há a necessidade de pensar em novos sistemas, que não os tradicionais, de ordenamento, avaliação, didática e processos pedagógicos e de ensino-aprendizagem. O autor também entende que os currículos foram pensados para diferentes jovens, que não eram melhores nem piores do que os jovens de hoje, apenas diferentes, “outros”.

Alicerçado nas ideias de Melucci & Fabbrini (1992 *apud* Dayrell, 2003), Dayrell (2003) faz uma reflexão acerca dos processos de transformação que ocorrem durante o período da juventude. Assim, o autor entende que, apesar de constituir um determinado momento da vida, a juventude não é algo apenas passageiro, mas detém uma importância em si mesma, influenciada pelo meio social em que cada indivíduo está inserido e sendo parte do processo de formação dos sujeitos, estando presente ao longo de suas vidas.

Para além de ressaltar que existem juventudes, no plural, isto é, diversas formas de ser jovem, o autor também reflete sobre as desigualdades e oportunidades que o meio social oferece – ou não – a esses jovens ao longo de tal processo de constituição como sujeitos. Assim, chama atenção para os contextos de desumanização, onde os sujeitos são impedidos de exercer de forma integral sua condição enquanto ser humano e, portanto, se constroem dentro dos que lhes é acessível, a partir do que conseguem dispor.

Tomando como referência o pensamento de Charlot (2000), o autor entende que “O homem se constitui como ser biológico, social e cultural, dimensões totalmente interligadas, que se desenvolvem com base nas relações que estabelece com o outro, no meio social concreto em que se insere” (Dayrell, 2003, p. 43)

Entre os novos temas que têm ganhado destaque nos currículos no Brasil, a inclusão de conteúdos sobre a história e a cultura dos povos afrodescendentes, introduzida pela Lei 10.639/2003, representa um marco importante. Nesse contexto, essa legislação pode ser vista como um passo crucial no combate ao racismo estrutural e a outros preconceitos profundamente enraizados na sociedade brasileira, também ajudando na desconstrução da ideia falaciosa, amplamente aceita até a década de 1950, de que o Brasil vivia uma democracia racial e estava livre de preconceitos raciais.

Andrea Lopes (2022) faz um debate a respeito da sub-representação de intelectuais negros na academia e sobre a mudança do campo sociológico, especialmente na Sociologia das Relações Étnico-raciais ao longo dos anos. A autora chama a atenção para a grande desigualdade educacional presente no país, a qual coloca pessoas negras e pobres em posições contrastantes em relação às pessoas brancas no campo intelectual, o qual possui poucos intelectuais negros, em comparação aos brancos, seguindo a lógica racista brasileira.

Com isso, a autora defende a necessidade das cotas raciais, por exemplo, argumentando que a partir da diversificação do ambiente universitário, um primeiro impacto é o aumento da produção intelectual sobre relações raciais, isto é, a interpretação é de que há um “racismo acadêmico” que se caracteriza pela subrepresentação de professores negros nas universidades. Portanto, a adoção das ações afirmativas apresenta alterações no campo científico, permitindo que mais estudantes e, consequentemente, mais professores negros entrem nas universidades e, no mesmo sentido, mais produções intelectuais dentro deste campo sejam produzidas.

Segundo o relatório do “Atlas das Juventudes” (2021), um processo educativo de qualidade é também o ponto de partida para que os jovens identifiquem os seus interesses, ampliem seus horizontes e desenvolvam as capacidades para contribuir à melhoria social. Ou seja, é necessário mecanismos para universalizar a educação no país através de uma perspectiva da equidade, possibilitando que o campo escolar e o acadêmico sejam ocupados e modificados por aqueles que foram excluídos desse processo.

Segundo uma pesquisa do “Observatório da juventude na Ibero-América” (2021), que investigou as impressões dos jovens brasileiros a respeito da perspectiva de futuro, os principais medos citados por eles são segurança (49%), destruição do meio ambiente (47%), de não ter trabalho no futuro (40%), ser atingido por bala perdida (37%), ficar endividado (34%), sofrer violência sexual (29%) e perder o atual emprego (23%). Sobre o que mais incomoda os jovens, o quesito “racismo, machismo e outras formas de opressão” ficou em segundo lugar, com 57%; e “a desigualdade entre ricos e pobres” com 54%.

Além disso, dados a respeito das juventudes LGBTQIA+ e os ambientes escolar e universitário apresentam um cenário importante a ser discutido. Segundo o

“Atlas das Juventudes”, na realização da pesquisa, os estudantes LGBTQIA+ tinham duas vezes mais probabilidade de ter faltado à escola no último mês se sofreram níveis mais elevados de agressão relacionada à sua orientação sexual (58,9% comparados com 23,7% entre os/as que sofreram menos agressão) ou expressão de gênero (51,9% comparados com 25,5%).

A partir dos dados supracitados é possível concluir que as juventudes brasileiras possuem diversas demandas que abordam diferentes questões, apresentando-se como uma parcela da população com perspectivas e capacidades de mudanças escolares, tanto no campo intelectual quanto na própria realidade social do país. Logo, é de extrema importância que o debate sobre juventude e educação seja realizado considerando esses anseios que são, inúmeras vezes, levados para a escola e para dentro das salas de aula, encontrando maior espaço nas aulas de Sociologia, mas sem encontrar uma inclusão nos currículos, mesmo apresentando potencial de gerar resultados significativos no combate às diversas desigualdades no Brasil.

**Palavras-chave:** Juventudes, Currículo Escolar, Ensino de Sociologia.

### Referências

- ARROYO, M. Adolescentes e jovens: seu lugar nos currículos. In: ARROYO, M. *Currículo, território em disputa*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.639.htm). Acesso em: 1 set. 2024.
- COSTA, A. Ações afirmativas e transformações no campo intelectual: uma reflexão. *Revista Educação e Sociedade*, v. 43, Campinas, 2022.
- DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, set./dez. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS; TALK INC; INSTITUTO VEREDAS. *Atlas das Juventudes*. 2021. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/wp-content/uploads/2021/11/ATLAS-DAS-JUVENTUDES-2021-COMPLETO.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- FUNDAÇÃO SM. *Pesquisa Juventudes no Brasil 2021: um retrato das múltiplas juventudes existentes no Brasil*. Observatório da Juventude na Ibero-América, 2021. Disponível em: <https://oji.fundacion-sm.org/pt-br/noticias-ptbr/pesquisa-juventudes-no-brasil-2021-um-retrato-das-multiplos-juventudes-existentesno-brasil/>. Acesso em: 30 ago. 2024.